

Ministério da Saúde

FIOCRUZ
Fundação Oswaldo Cruz



ESCOLA NACIONAL DE SAÚDE PÚBLICA
SERGIO AROUCA
ENSP

“O Processo Criativo em Mosaicistas”

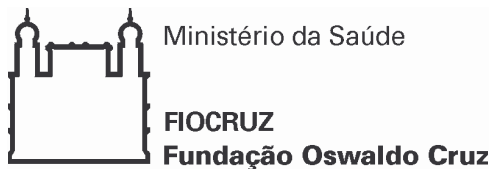
Por

Annelise Gamonal Nogueira Gruppi

Dissertação apresentada com vistas à obtenção do título de Mestre em Ciências na área de Saúde Pública.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Marta Pimenta Velloso

Rio de Janeiro, maio de 2007.



Esta dissertação, intitulada

“O Processo Criativo em Mosaicistas”

apresentada por

Annelise Gamonal Nogueira Gruppi

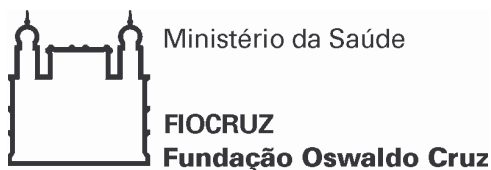
foi avaliada pela Banca Examinadora composta pelos seguintes membros:

Prof.^a Dr.^a Isabela Cabral Félix de Sousa

Prof.^a Dr.^a Maria Helena Barros de Oliveira

Prof.^a Dr.^a Marta Pimenta Velloso – Orientadora

Dissertação defendida e aprovada em 23 de maio de 2007.



A U T O R I Z A Ç Ã O

Autorizo, exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, a reprodução total ou parcial desta dissertação, por processos fotocopiadores.

Rio de Janeiro, 23 de maio de 2007.

Annelise Gamonal Nogueira Gruppi

CG/Fa

Serviço de Gestão Acadêmica - Rua Leopoldo Bulhões, 1.480, Sl. 317 – Manguinhos-RJ – 21041-210

Tel.: (0-XX-21) 2598-2557 / 2558 ou 0800-230085 Tel./Fax: (0-XX-21) 2598-2727

E-mail: seca@ensp.fiocruz.br Homepage: <http://www.ensp.fiocruz.br>

Catálogo na fonte
Instituto de Comunicação e Informação Científica e Tecnológica
Biblioteca de Saúde Pública

G892 Gruppi, Annelise Gamonal Nogueira
O processo criativo em mosaicistas. / Annelise Gamonal Nogueira
Gruppi. Rio de Janeiro: s.n., 2009.
105 f., tab., graf.

Orientador: Velloso, Marta Pimenta
Dissertação (mestrado) – Escola Nacional de Saúde Pública
Sergio Arouca, Rio de Janeiro, 2009

1. Criatividade. 2. Saúde do Trabalhador. 3. Aptidão.
4. Questionários. I. Título.

CDD - 22.ed. – 363.11

DEDICATÓRIAS

A DEUS, que em sua infinita bondade e sabedoria, me deu saúde e forças para ultrapassar todas as dificuldades em meu caminho.

À minha mãe que sempre compreendeu e apoiou nos momentos de dificuldade e me incentivou na minha “busca”.

Em especial ao meu marido Glauco Fernandes Gruppi pela tolerância em aceitar as ausências e compreender minhas metas.

AGRADECIMENTOS

À minha orientadora Professora Doutora Marta Pimenta Velloso, pelo que contribui e ainda tem a contribuir para o meu desenvolvimento intelectual e cultural e, principalmente, pela contribuição em todas as mudanças que tivemos nesse caminho.

À Tia Ina por contribuir com seu carinho e por me hospedar na sua residência durante esta fase da minha vida.

Aos artistas, que cederam seu conhecimento, seu tempo, sua fala e sua obra com toda a gentileza.

RESUMO

O presente estudo tem como objetivo relacionar o trabalho criativo de artesãos na cidade de Juiz de Fora em Minas Gerais, com o desenvolvimento do bem-estar, de habilidades manuais e de geração de renda. Este desenvolvimento se dará através da técnica da arte do mosaico, mostrando que as vivências de prazer são observadas quando o discurso reflete o contexto no qual o trabalho deve ser flexível, em grupo ou individual, propiciando aos trabalhadores fazerem uso de sua criatividade para se sentirem úteis, produtivos e valorizados.

Nesta pesquisa, segundo bases qualitativas, foram entrevistados 9 (nove) artesãos e 1 (um) artista plástico que trabalham com o mosaico. Eles foram selecionados aleatoriamente seguindo a metodologia de bola de neve. Foram perguntados sobre sensações de bem e mal-estar no trabalho criativo, rotinas, *insights*, instrumentos de trabalho, motivações intrínsecas e extrínsecas, aceitação pessoais e por parte de outros e, a valorização do seu trabalho. Os dados foram analisados e foram verificadas seis fases no processo de trabalho criativo.

Enfim, o estudo mostrou que a liberdade de pensamento e de criação juntamente com a paixão pelo que fazem e o reconhecimento, contribuíram para o desenvolvimento e a inclusão do indivíduo na sociedade, e como consequência, na comunidade na qual ele está inserido.

Palavras-chave: criatividade; potencial criativo; saúde do trabalhador; habilidades pessoais.

ABSTRACT

This study aims to relate the process of creative work of craftsmen in the city of Juiz de Fora in Minas Gerais, Brazil, with the development of the welfare of manual skills and generating income. This development will be through the technique of mosaic art, showing that the experience of pleasure is observed when the speech reflects the context in which the work must be flexible, group or individual, providing the workers make use of their creativity to feel useful, productive and valued.

In this search, the second qualitative basis, were interviewed 9 (nine) craftsmen and one visual artist working with the mosaic. They were randomly selected following the methodology of snowball. They were asked about feelings of well-being and badly in the process of creative work, routines, insights, instruments of work, intrinsic and extrinsic motivations, personal and acceptance by other, and the appreciation of their work. The data were analyzed and were found six stages in the process of creative work.

Finally, the study showed that freedom of thought and creation together with the passion for what they do and recognition, contributed to the development and inclusion of individuals in society, and as a consequence, the community in which it is inserted.

Keywords: creativity; creative potential; worker's health; personal skills

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO:	13
TEMA/ ÁREA:	15
OBJETO:	15
OBJETIVOS:	15
OBJETIVO GERAL:	15
OBJETIVOS ESPECÍFICOS:.....	15
1. DISCUSSÃO TEÓRICA:	16
1.1. A criatividade segundo Winnicott e a promoção da saúde	16
1.2. Criatividade e variáveis internas e externas ao indivíduo:	20
1.2.1. Inteligência:	22
1.2.2. Estilos Intelectuais:	23
1.2.3. Conhecimento:	23
1.2.4. Personalidade:	24
1.2.5. Motivação:	24
1.2.6. Contexto Ambiental:	24
1.3. A vida e a arte para o artista	26
1.4. A arte do mosaico como ferramenta	28
1.5. A escolha da técnica da arte do mosaico.....	35
1.5.1. Gaudí Brasileiro	36
1.5.2. Casa da Flor	38
1.5.3. La Maison Picassiette	40
2. METODOLOGIA:	43
2.1. A população a ser estudada:.....	43
2.2. Instrumentos de coleta de dados e fases de sua aplicação:	44

2.3.	Análise dos dados obtidos:.....	45
3.	PERFIL DOS ENTREVISTADOS:	46
3.1.	C. S. C. Borges.....	46
3.2.	I. C. da Silva	50
3.3.	J. Rossini	52
3.4.	L. F. Paiva.....	56
3.5.	M. V. Vaccarini.....	62
3.6.	M. R. R. da Silva.....	67
3.7.	N. Mirian	70
3.8.	S. Torres	73
3.9.	S. Cobra.....	79
3.10.	Y. M. S. Abramo	81
4.	ANÁLISE DOS DADOS OBTIDOS:.....	85
4.1.	Geração de renda.....	86
4.2.	As sensações do trabalho como mosaicista	87
4.3.	Motivações.....	89
4.4.	O processo criativo	89
4.4.1.	Objetivo ou tarefa:	90
4.4.2.	Pesquisa ou preparação:	90
4.4.3.	Incubação:	90
4.4.4.	Insight	91
4.4.5.	Execução ou resultado.....	92
4.4.6.	Retorno ou expectativa de reconhecimento	92
5.	CONSIDERAÇÕES FINAIS:	94
6.	REFERÊNCIAS:.....	97
7.	ANEXO I.....	99
7.1.1.	Questionário de Pesquisa do Mosaico.....	100
7.1.2.	Relato de história de vida	101
7.1.3.	Roteiro para análise entrevista semi-estruturada (aberta).....	101

8. ANEXO II..... 103

 Termo de Consentimento Livre e Esclarecido..... 104

“É nossa tarefa estudar o homem e devemos, portanto, estudar tudo aquilo que mais intimamente lhe diz respeito, ou seja, o domínio que a vida exerce sobre ele. Cada cultura possui seus próprios valores; as pessoas têm suas próprias ambições, seguem a seus próprios impulsos, desejam diferentes formas de felicidade. Em cada cultura encontramos instituições diferentes, nas quais o homem busca seu próprio interesse vital; costumes diferentes através dos quais ele satisfaz às suas aspirações; diferentes códigos de lei e moralidade que premiam suas virtudes ou punem seus defeitos. Estudar as instituições, costumes e códigos, ou estudar o comportamento e a mentalidade do homem, sem atingir os desejos e sentimentos subjetivos pelos quais ele vive, e sem o intuito de compreender o que é, para ele, a essência dessa felicidade, é, em minha opinião, perder a maior recompensa que se possa esperar do estudo do homem”.

(Malinowski, 1942)

INTRODUÇÃO:

O presente estudo tem como objetivo relacionar o trabalho criativo de um grupo de artesãos, que fazem mosaicos na cidade de Juiz de Fora, em Minas Gerais, com o desenvolvimento do bem-estar, de habilidades manuais e de geração de renda. Este desenvolvimento se dará através da técnica da arte do mosaico, mostrando que as vivências de prazer são observadas quando o discurso reflete o contexto no qual o trabalho deve ser flexível, em grupo ou individual, propiciando aos trabalhadores fazerem uso da sua criatividade para se sentirem úteis, produtivos e valorizados.

A capacidade de criar é inerente a todo ser humano, devendo o seu desenvolvimento ser incentivado para proporcionar mudanças nas organizações modernas. De Masi (1999) mostra como essas mudanças ocorreram nas civilizações pós-industriais. Enquanto os Estados Unidos aperfeiçoava o trabalho em série com o fordismo e o taylorismo, a Europa antecipava a configuração de uma nova forma de organização baseada na criatividade. Com isso, ela deixou casos concretos na história da humanidade que perduram até os dias atuais, como oficinas de arte, templos, catedrais, palácios, academias e mosteiros. No momento atual, torna-se necessário reorganizar o tempo livre, a atividade artística e científica. A velha Europa ressurgiu, como fonte inspiradora, para essa nova organização empenhada no trabalho idealizador.

A prática e a repetição quotidiana de trabalhos mecânicos inibem a criatividade e os comportamentos inovadores. Este aprisionamento repetitivo pode levar à produção de doenças, muitas vezes afastando o homem do seu ambiente familiar, profissional ou afetivo.

O estudo lança um olhar para a subjetividade contemporânea, buscando delinear alguns de seus processos constitutivos, utilizando para isso um grupo de mosaicistas. Através destas pessoas, foi analisado o processo da intersubjetividade, isto é, a interação social com o pesquisador (Minayo, 1993) e o potencial criativo nas situações propiciadas pelo convívio social em suas atividades. As anotações no caderno de campo foram baseadas nas observações feitas pelo pesquisador, nas entrevistas e nas histórias de vida, analisando-as com base na interpretação da fala dos participantes.

Uma grande obra de arte, assim como uma grande teoria científica, pode representar um profundo insight se houver uma linguagem eficaz, que permita a comunidade compartilhar e elaborar as descobertas alcançadas.

O estudo traça a relação da criatividade com o desenvolvimento de habilidades pessoais. Mostra, baseado nos estudos de Winnicott, que a criatividade é inerente ao ser humano. Cita outros autores, que fazem uma análise do processo de desenvolvimento da criatividade como Amabile, Sakamoto e Alencar.

A pesquisa se desenvolveu da seguinte maneira, primeiramente apresentou a área temática na qual está inserida, a hipótese na qual se baseia o objeto, seguido da explicitação do objeto e dos objetivos, geral e específicos.

Segue na seqüência uma discussão teórica que apresenta as relações entre os conceitos de promoção da saúde e a teoria winnicottiana sobre a criatividade. Apresenta a arte do mosaico como técnica. O motivo da escolha desta técnica foi o contato com algumas obras do maior artista mosaicista e arquiteto da história, o espanhol Antoni Gaudí. Após esta apresentação são mostrados outros artistas locais em diferentes regiões do planeta e o relato de suas experiências.

Após esta discussão é apresentada a metodologia. Nesse estudo, foram entrevistados 9 (nove) artesãos e 1 (um) artista plástico que trabalham com o mosaico. Perguntamos sobre sensações de bem e mal-estar no trabalho criativo, rotinas, insights, instrumentos de trabalho, motivações intrínsecas e extrínsecas, aceitações pessoais e por parte dos outros e a valorização do seu trabalho.

Para finalizar, os dados foram analisados e foram verificadas seis fases no processo do desenvolvimento da criatividade nos mosaicistas. Cada fase relacionada diretamente com a anterior e, às vezes, concomitante com a outra. Mostramos que a arte pode ser uma alternativa de fonte de renda, ou mesmo, a principal. Para os entrevistados, o importante é fazer o que gosta, com verdadeira paixão, ser reconhecido e, conseqüentemente, valorizado pelo seu trabalho. Ficou claro que o dinheiro apesar de ser fundamental para a existência em nossa sociedade não é uma causa do trabalho para esses mosaicistas, mas sim a conseqüência. O trabalho está diretamente ligado ao reconhecimento e esse reconhecimento é um dos mais fortes aspectos motivacionais citado pelos entrevistados.

Enfim, o estudo mostra que a liberdade de pensamento e de criação contribui para o desenvolvimento e a inclusão do indivíduo na sociedade e, como consequência, para a comunidade na qual ele está inserido.

TEMA/ ÁREA:

Criatividade, desenvolvimento de habilidades pessoais, potencial criativo.

OBJETO:

O desenvolvimento do potencial criativo de artistas locais não-profissionais que utilizem a técnica da arte do mosaico.

OBJETIVOS:

OBJETIVO GERAL:

Relacionar a relação do processo de desenvolvimento de habilidades pessoais e o potencial criativo, com o bem-estar e qualidade de vida de artistas não-profissionais (*outsiders*).

OBJETIVOS ESPECÍFICOS:

Pesquisar a relação entre o desenvolvimento de habilidades pessoais e o bem-estar utilizando a técnica da arte do mosaico para o desenvolvimento do potencial criativo;

Considerar fatores externos e internos que influenciem no processo de criação,

Verificar o convívio social e ação comunitária; o que estimula a melhoria da auto-estima e torna o sujeito capaz de criar e construir num processo de autonomia e valorização enquanto cidadão;

Gerar alternativa de fonte de renda através da formação de artistas e artesãos locais.

1. DISCUSSÃO TEÓRICA:

1.1. A criatividade segundo Winnicott e a promoção da saúde

O projeto baseia-se nos conceitos modernos de promoção da saúde. Este conceito, e por que não prática, surge e se desenvolve de maneira mais intensa nos últimos 20 anos e tem como marco principal a Conferência de Ottawa, no Canadá, em 1986.

Ao analisar o discurso vigente no campo da promoção da saúde constata-se que partindo de uma concepção ampla do processo saúde-doença e de seus determinantes, a promoção da saúde propõe a articulação de saberes técnicos e populares e a mobilização de recursos institucionais e comunitários, públicos e privados para seu enfrentamento e resolução. (Buss, 2000).

A grande valorização do conhecimento popular e da participação social conseqüente a este conhecimento está na base da formulação conceitual da promoção da saúde. Observa-se grande coincidência entre os conceitos de promoção da saúde com o desenvolvimento humano sustentável, agenda 21, direito à cidade e a moradia e outros, como o cooperativismo. (Buss, 2003).

Sigerist foi um dos primeiros autores a afirmar que a “saúde se promove proporcionando condições de vida decentes, boas condições de trabalho, educação, cultura física e formas de lazer e descanso”. (Sigerist, 1946).

A promoção da saúde passou a associar-se a medidas preventivas, sobre o ambiente físico e sobre o estilo de vida, não mais voltadas exclusivamente para a doença. Muda o foco da doença para a saúde. Baseia-se na transformação dos comportamentos dos indivíduos, localizando-os nas suas famílias e nas “culturas” de sua comunidade.

A carta de Ottawa define Promoção da Saúde como “o processo da capacitação da comunidade para atuar na melhoria da sua qualidade de vida e saúde, incluindo uma maior participação no controle deste processo”. (Brasil, 2002).

Assim, o documento preconiza o empoderamento ou “*empowerment*” do indivíduo ou da comunidade, em que o estado começa a transferir a responsabilidade do bem-estar para o cidadão, onde ele é o responsável pelo

seu estilo de vida, e preconiza cinco campos de atuação para a promoção da saúde:

- Elaboração e implementação de políticas públicas saudáveis;
- Reorientação do sistema de saúde;
- Reforço da ação comunitária;
- Criação de ambientes favoráveis à saúde;
- E, por último, o que pretendemos atingir, o desenvolvimento de habilidades pessoais;

Portanto, o projeto, que se baseia em um dos cinco campos da promoção da saúde, tem como objetivo estimular a população para que possa afirmar sua posição de sujeito capaz de modificar a sua história de maneira substancial dentro da sociedade, aumentando, assim, sua auto-estima e bem-estar. Nesse sentido, reconhecemos a importância desse entendimento, modificando as visões e atitudes de rejeição e incompreensão dessa população.

Nota-se assim, que o conhecimento científico, com sua técnica, não é suficiente para englobar a totalidade dos fenômenos da saúde e do adoecer. Cada vez mais, é necessário atingir o sujeito, seus valores, sua singularidade, sua subjetividade e seu contexto. É necessário mudar o foco. Mudar do foco da doença para o foco da saúde, da qualidade de vida, do bem-estar e tudo aquilo que influencia no modo de vida das pessoas.

A arte, a saúde e a comunidade desde os tempos mais remotos são uma tríade inseparável. A arte constitui uma forma de consciência social. Através do homem são formadas suas idéias e emoções relacionadas com a casa, as guerras, a natureza e coisas da vida em geral. As pinturas rupestres, a imitação dos sons da natureza e as danças primitivas constituem as primeiras manifestações artísticas e foram diferenciando-se para dar lugar às manifestações atuais, entre elas se enquadram: a pintura, a escultura, o teatro, a música, a dança, a literatura, o cinema, a cerâmica, a arquitetura e outras mais. Atualmente, pode-se considerar até a arte digital, graças ao desenvolvimento da tecnologia da informática.

A arte tem dois componentes: um componente social, que reflete a realidade histórica concreta de uma época em um determinado momento e o componente individual, que está dado por um processo de criatividade, que é

único e pessoal. Estes componentes são condicionados por atitudes, emoções específicas, convicções e elementos conscientes e inconscientes. O homem sintetiza, organiza e elabora mediante o uso de códigos simbólicos as suas experiências, conhecimentos e emoções.

O estudo de uma obra de arte nos permite conhecer a realidade histórica concreta na época em que foi concebida, mediante o componente social e o conteúdo da vida do componente individual de seu criador. (Gonzalez, 2004).

Quando um processo criativo alcança uma concepção estética, o produto da criação se converte em uma obra de arte e seu criador em um artista. Todos os seres humanos são capazes de criar obras de arte. O processo criador artístico é inerente a todos os homens e está estreitamente vinculado com desenvolvimento harmônico de uma comunidade determinada.

Qualquer transformação que se queira consolidar em um mundo onde as mudanças são implementadas com uma velocidade estonteante requer criatividade. Existem mecanismos cada vez mais sofisticados de aprisionamento do ser humano nas amarras da escala social, o que imputa a uma grande parcela da população, o lugar da exclusão e a uma incapacidade analítica que permita desvendar essas amarras. Continuamos precisando, portanto, de sujeitos criativos, porque continuamos lutando por condições sociais e políticas que permitam a humanização, a constituição de sujeitos que possam viver e fazer com plenitude a história da humanidade. (Zanella, 2004).

Nos últimos 20 anos, novas contribuições surgiram, englobando distintos componentes considerados necessários para a ocorrência da criatividade. Até os anos 70, o objetivo era delinear o perfil do indivíduo criativo e desenvolver programas e técnicas que favorecessem a expressão criativa. Após essa data, os estudiosos voltaram sua atenção, de forma mais sistemática, para a influência de fatores sociais, culturais e históricos no desenvolvimento da criatividade. Sob essa perspectiva, a produção criativa não pode ser atribuída exclusivamente a um conjunto de habilidades e traços de personalidade do criador, mas, também, sofre a influência de elementos do ambiente onde esse indivíduo se encontra inserido. (Alencar, 2003).

Com ênfase nesse aspecto da subjetividade, buscou-se um autor que trabalhe no campo da psicologia com a criatividade. Utilizamos, assim, como guia teórico, a teoria de desenvolvimento emocional de D.W. Winnicott, que

representa uma abordagem original do fenômeno criativo. Essa teoria inclui a crença de que viver criativamente constitui um estado saudável. “O brincar facilita o crescimento e, portanto a saúde; o brincar conduz aos relacionamentos grupais; pode ser uma forma de comunicação na psicoterapia e, finalmente, a psicanálise foi desenvolvida como forma altamente especializada do brincar, a serviço da comunicação consigo mesmo e com os outros.” (Winnicott, 1975).

Para Winnicott (1975), a sociedade existe como estrutura ocasionada, mantida e constantemente reconstruída por indivíduos, não havendo, portanto, realização pessoal sem a sociedade, assim como é impossível existir sociedade independente dos processos coletivos de crescimento dos indivíduos que a compõe. Temos de aprender a deixar de procurar pelo cidadão mundial: para ele, temos que nos contentar em encontrar raramente essas pessoas cuja unidade social se estende além da versão local de sociedade, além do nacionalismo ou além das fronteiras de uma seita religiosa. Precisamos aceitar o fato de que as pessoas “psiquiatricamente sadias” dependem, para a sua saúde e realização pessoal, da lealdade a uma área delimitada pela sociedade.

Para Winnicott, existem três espaços identificados para o ser humano. O interno, relacionado à psicossomática; o externo, com a realidade concreta ou externa; e, um espaço potencial, intermediário, entre o bebê e a mãe. Nesse terceiro espaço estão localizadas a brincadeira, a cultura e a criatividade. Segundo o autor, a área intermediária ao qual se refere, é a área concedida ao bebê, entre a criatividade primária e a percepção objetiva baseada na realidade.

Na teoria winnicottiana, o primeiro processo de criação do homem acontece enquanto ele é bebê. O bebê cria o seio da mãe repetidas vezes pela necessidade. Desenvolve nele, um fenômeno subjetivo. A mãe, por sua vez, coloca o seio real exatamente quando o bebê está pronto para criá-lo e, no momento exato. Desde o nascimento, então, o ser humano está envolvido com o problema entre aquilo que é objetivamente percebido e aquilo que é subjetivamente concebido. (Winnicott, 1975). A partir deste momento, o bebê, quando instigado pela ausência da mãe, cria artifícios para lidar com essa solidão. Ele passa então a criar objetos transacionais para suprir esta necessidade. Estes podem ser, bicho de pelúcia, fraldas, panos, brinquedos, etc.

O objeto transicional e os fenômenos transicionais iniciam todos os seres humanos com o que sempre será importante para eles, isto é, uma área neutra

de experiência que não será contestada. Não se pergunta ao bebê de quem é a autoria deste objeto. Se ele criou ou se lhe foi apresentado pelo mundo externo.

Quando se fala de um homem fala-se conjuntamente com a soma de suas experiências culturais. Winnicott emprega o termo “experiência cultural” como uma ampliação da idéia dos fenômenos transicionais e da brincadeira, sem estar certo de poder definir a palavra “cultura”. É dada ênfase a experiência. Quando ele usa a palavra “cultura”, está pensando em tradições herdadas, que pertencem a um fundo comum da humanidade, onde os indivíduos e os grupos podem contribuir e do qual todos nós podemos fruir se, tivermos um lugar para guardar o que encontramos. Esse lugar é espaço potencial. Há uma evolução direta dos fenômenos transicionais para o brincar, do brincar para o brincar compartilhado, e deste, para as experiências culturais, podendo aí incluir, a arte, a filosofia e a religião.

Segundo Sakamoto (2000), “criatividade é a expressão de um potencial humano de realização, que se manifesta através das atividades humanas e gera produtos na ocorrência de seu processo”.

“É indispensável expressar, quando se trata do estudo da atividade criadora, que este tema nos coloca em contato com interessantes compreensões sobre a natureza humana, uma vez que, através da criatividade, o ser humano realiza a construção de seu destino e do próprio mundo. Devemos acrescentar a isto, que através da atividade criativa, os seres humanos alcançam uma consciência sobre suas potencialidades, desvendam a condição genuína de sua liberdade pessoal e edificam sua autonomia, uma vez que através da criatividade, o homem existe e evolui, se expressa e, modela parcelas de realidade do universo das infinitas possibilidades humanas”. (Sakamoto, 2000).

1.2. Criatividade e variáveis internas e externas ao indivíduo:

Aproximadamente a partir de 1870 alguns pesquisadores alemães começaram a estudar os fenômenos perceptuais humanos, especialmente a visão. Seus estudos procuravam entender como se davam os fenômenos perceptuais, tendo se utilizado em grande parte deles, de obras de arte. Queriam

entender o que ocorria para que determinado recurso pictórico resultasse em tal e tal efeito. A estes estudos convencionou-se denominar de Psicologia da Gestalt ou Psicologia da Boa Forma. Seus expoentes mais conhecidos foram Kurt Koffka, Wolfgang Köhler e Max Wertheimer. Criaram as Leis da Gestalt relativas à percepção humana, que até hoje se mantêm válidas.

Esta deu início às pesquisas sobre o insight, ou seja, aquele momento do processo criativo em que surge, usualmente de forma repentina, uma nova idéia ou solução para um problema.

Ademais, os teóricos da Gestalt, especialmente Wertheimer (1959), também relacionaram o pensamento produtivo com os processos de pensamento que ocorrem no trabalho criativo, como naquele de cientistas eminentes.

Todos eles chamaram a atenção para a tendência humana em direção à auto-realização como força mobilizadora da criatividade.

Consideram ademais que não basta o impulso interno para se auto-realizar. É ainda indispensável um ambiente que propicie liberdade de escolha e de ação, com reconhecimento e estimulação do potencial para criar de cada indivíduo.

Os processos de pensamento que ocorrem nos distintos hemisférios cerebrais, sendo o hemisfério esquerdo mais eficiente nos processos de pensamento descritos como verbais, lógicos e analíticos, enquanto que no hemisfério direito ocorreriam padrões de pensamento mais associados à criatividade, têm sido extensamente divulgados.

Nos últimos 20 anos, novas contribuições teóricas surgiram, englobando distintos componentes considerados necessários para a ocorrência da criatividade. Até os anos 70, o objetivo era delinear o perfil do indivíduo criativo e desenvolver programas e técnicas que favorecessem a expressão criativa. Após essa data, os estudiosos voltaram sua atenção, de forma mais sistemática, para a influência de fatores sociais, culturais e históricos no desenvolvimento da criatividade. Sob essa perspectiva, a produção criativa não pode ser atribuída exclusivamente a um conjunto de habilidades e traços de personalidade do criador, mas também sofre a influência de elementos do ambiente onde esse indivíduo se encontra inserido (Hennessey & Amabile, 1988).

Mais especificamente, a abordagem individual foi substituída por uma visão sistêmica do fenômeno criatividade (Feldman, Csikszentmihalyi & Gardner, 1994). Como resultado, vários estudos têm sido conduzidos com o objetivo de

investigar variáveis do contexto sócio-histórico-cultural que interferem na produção criativa e favorecem a expressão do comportamento criativo. Para Csikszentmihalyi (1996), por exemplo, “é mais fácil desenvolver a criatividade das pessoas mudando as condições do ambiente, do que tentando fazê-las pensar de modo criativo”. Neste sentido, para se compreender porque, quando e como novas idéias são produzidas, é necessário considerar tanto variáveis internas quanto variáveis externas ao indivíduo.

Em anos posteriores, Sternberg (1991) e Sternberg e Lubart (1991, 1993, 1995, 1996) ampliaram o modelo originalmente formulado, considerando o comportamento criativo como resultado da convergência de seis fatores distintos e inter-relacionados, apontados como recursos necessários para a expressão criativa. Estes seriam: (a) inteligência, (b) estilos intelectuais, (c) conhecimento, (d) personalidade, (e) motivação e (f) contexto ambiental.

1.2.1. Inteligência:

Com relação à inteligência, Sternberg e Lubart (1995,1996) consideram que especialmente três habilidades cognitivas são importantes. A primeira diz respeito à habilidade sintética de redefinir problemas, ou seja, a habilidade de ver o problema sob um novo ângulo; a segunda seria a habilidade analítica de reconhecer dentre as próprias idéias aquelas em que valeria a pena investir; e a terceira, a habilidade prática-contextual, diz respeito a ser capaz de persuadir outras pessoas sobre o valor das próprias idéias. Sternberg e Lubart vão além, sublinhando que a confluência destas três habilidades é importante. Consideram, por exemplo, que habilidade analítica utilizada na ausência das duas outras habilidades geraria pensamento crítico, mas não criativo ou que habilidade sintética na ausência das duas outras habilidades geraria novas idéias, porém não necessariamente idéias promissoras ou aplicáveis.

1.2.2. *Estilos Intelectuais:*

Sternberg (1991) lembra que há três estilos intelectuais, os quais se referem à forma como a pessoa usa, explora ou utiliza a sua inteligência, denominando-os: legislativo, executivo e judiciário. O primeiro estaria presente naquela pessoa que gosta de formular problemas e criar novas regras e maneiras de se ver as coisas, sendo particularmente importante para a criatividade. Uma pessoa com esse estilo tem prazer em criar as suas próprias regras e trabalhar em problemas que não sejam pré-fabricados. As pessoas criativas seriam, pois, mais propensas a preferir o estilo legislativo. O segundo estaria presente naquela pessoa que gosta de implementar idéias, com preferência por problemas que apresentam uma estrutura clara e bem definida. O terceiro caracterizaria aquelas que têm preferência por emitir julgamentos, avaliar pessoas, tarefas e regras, tendo prazer em emitir opiniões e avaliar as dos demais.

1.2.3. *Conhecimento:*

Lembram estes autores que, para dar uma contribuição significativa a uma determinada área, é de fundamental relevância ter o conhecimento sobre aquela área. Ressaltam ainda que sem tal conhecimento, corre-se o risco de se descobrir o que já se sabe, deixando de se identificar problemas da área efetivamente importantes. Os autores discriminam também dois tipos de conhecimento: o formal e o informal, considerando ambos importantes para a criatividade. O primeiro seria aquele conhecimento de uma determinada área ou de um dado trabalho que se adquire através de livros, palestras ou qualquer outro meio de instrução. O informal seria aquele que se adquire por meio de dedicação a uma determinada área, sendo raramente ensinado explicitamente e, a maior parte das vezes, impossível sequer de ser verbalizado.

1.2.4. *Personalidade:*

Quanto à personalidade, outro componente da teoria de Sternberg e Lubart, lembram os autores que alguns traços de personalidade contribuem mais do que outros para a expressão da criatividade, destacando as pessoas com alta produção criativa pela apresentação de um conjunto de traços de personalidade, como predisposição a correr riscos, confiança em si mesmo, tolerância à ambigüidade, coragem para expressar novas idéias, perseverança diante de obstáculos e ainda um certo grau de auto-estima, embora nem todos eles estejam necessariamente presentes.

1.2.5. *Motivação:*

Os recursos motivacionais dizem respeito às forças impulsionadoras da performance criativa. Especialmente a motivação intrínseca, centrada na tarefa, é de inestimável importância para a criatividade, uma vez que as pessoas estão muito mais propensas a responder criativamente a uma dada tarefa, quando estão movidas pelo prazer de realizá-la. Consideram, entretanto, que ambos os tipos de motivação - intrínseca e extrínseca, estão freqüentemente em interação, combinando-se mutuamente para fortalecer a criatividade.

1.2.6. *Contexto Ambiental:*

Sabe-se que a criatividade não ocorre no vácuo e não pode ser vista fora deste contexto, especialmente porque tanto a pessoa quanto o produto são julgados e avaliados como criativos ou não por pessoas do seu contexto social. Ainda segundo Sternberg e Lubart, o contexto ambiental afeta a produção criativa de três maneiras distintas: (a) grau em que favorece a geração de novas idéias; (b) extensão em que encoraja e dá o suporte necessário ao desenvolvimento das idéias criativas, possibilitando a geração de produtos tangíveis; e (c) avaliação que é feita do produto criativo.

Segundo Amabile (1996), “um produto ou resposta será julgado como criativo na medida em que (a) é novo e apropriado, útil, correto ou de valor para a tarefa em questão, e (b) a tarefa é heurística e não algorítmica”. Em sua definição de criatividade, Amabile ressalta aspectos como originalidade e adequação da resposta, bem como chama atenção para a necessidade da tarefa proposta possibilitar vários caminhos para a solução do problema. Com base nessa definição, essa autora elaborou um modelo componencial de criatividade.

Amabile (1983, 1989, 1996) propôs um modelo que procura explicar como fatores cognitivos, motivacionais, sociais e de personalidade influenciam no processo criativo. Neste trabalho é dada grande ênfase ao papel da motivação e dos fatores sociais no desenvolvimento da criatividade. O modelo consiste de três componentes necessários para o trabalho criativo: habilidades de domínio, processos criativos relevantes e motivação intrínseca.

Dentre os traços de personalidade que favorecem a produção criativa, podemos ressaltar a autodisciplina, persistência, independência, tolerância por ambigüidades, não conformismo, automotivação e desejo de correr riscos. Para Amabile, esses estilos e traços podem ser desenvolvidos na infância e mesmo na vida adulta. Provavelmente um indivíduo vai se sentir mais motivado quando a atividade que captura seu interesse, é desafiadora, leva-o a desenvolver sentimentos de auto-eficácia e a se envolver com a atividade por conta própria.

O modelo de criatividade proposto por Amabile inclui cinco estágios (1983, 1996). O primeiro estágio é denominado identificação do problema ou da tarefa. Nesse estágio, o indivíduo identifica um problema específico como tendo valor para ser solucionado. O segundo estágio envolve a preparação, momento em que o indivíduo constrói ou reativa um estoque de informações relevantes para a solução do problema. No terceiro estágio, denominado geração de resposta, o nível de originalidade do produto ou resposta é determinado. No quarto estágio ocorre a comunicação e validação da resposta. O quinto e último estágio, denominado resultado, representa a tomada de decisão com relação à resposta, com base na avaliação do estágio anterior.

“Para a maioria dos leigos, e muitos pesquisadores, criatividade é uma qualidade de pessoas, uma constelação de traços de personalidade, características cognitivas e estilo pessoal. Se nós mudarmos essa perspectiva dispositiva para uma que admita a possibilidade de fortes influências sociais na criatividade, nós devemos abandonar a definição centrada na pessoa. Agora, criatividade torna-se uma qualidade de idéias e produtos que é validada pelo julgamento social, e explicações de criatividade podem englobar características da pessoa, fatores situacionais, e a complexa interação entre eles”.(Alencar, 2003)

Csikszentmihalyi (1988b) defende a idéia de que o foco dos estudos em criatividade deve ser nos sistemas sociais e não apenas no indivíduo. Para ele, o fenômeno criatividade é construído por meio da interação entre o criador e a sua audiência. Conforme explica este autor, “criatividade não ocorre dentro dos indivíduos, mas é resultado da interação entre os pensamentos do indivíduo e o contexto sócio-cultural. Criatividade deve ser compreendida não como um fenômeno individual, mas como um processo sistêmico”. O modelo de sistemas propõe, pois, criatividade como um processo que resulta da intersecção de três fatores: indivíduo (bagagem genética e experiências pessoais), domínio (cultura) e campo (sistema social).

“O quanto de criatividade existe em um dado momento não é determinado somente por quantos indivíduos originais estão tentando mudar os domínios, mas também por quão receptivo à inovação é o campo. Assim, no caso de alguém desejar aumentar a frequência de criatividade, pode ser mais vantajoso trabalhar ao nível dos campos do que ao nível dos indivíduos”(Csikszentmihalyi, 1999).

1.3. A vida e a arte para o artista

É possível em virtude do fato de que o artista possui um estilo de vida particular, e isto é tomado como evidência de que as outras formas de existência social não são adequadas ao ser interior, à essência, do artista. Este é tratado como um tipo filosófico especial, cuja vida sustenta uma oposição à existência no

domínio desespiritualizado das rotinas diárias. A diferença de arte e vida, a separação entre o artista e o mundo que o rodeia.

A essência e a natureza íntima do talento era a insaciabilidade. O artista é apresentado se movendo dentro de um mundo não-artístico e antagônico à experiência de criação estética, como portador de uma sensibilidade inábil em integrar-se ao modo de vida burguês moderno e que busca, portanto, esta integração; busca atingir uma forma de vida que “resolva a oposição entre o espírito e a sensualidade, a arte e a vida, a existência artística e o mundo em volta”. (Kangussu, 2005)

Hebert Marcuse considera, dentro da história da civilização, a existência de um estágio inicial de totalidade harmônica, de conciliação entre homens e mundo social que quando foi rompido produziu o “desabrigo transcendental”. E identifica a Grécia pré-socrática, da época dos poetas épicos, como lugar e tempo em que a forma artística aparecia na vida coletiva, “a vida era arte”.

Por mais alto que o artista se eleve acima do real, é sempre de objetos isolados que ele se apossa. O sujeito permanece empírico, o seu ato estruturador é simplesmente uma tomada de posse em relação aos objetos cujas essências são análogas à sua própria, “e o círculo que traça em torno daquilo que separou e circunscreveu perfeitamente só determina os próprios limites de sua subjetividade e não os de um cosmos completo em si” (Kangussu, 2005).

A arte é como uma realidade visionária do mundo que nos seria adequado, ela não é reflexo, uma vez não há um modelo a ser copiado, é totalidade criada, pois a unidade natural das esferas rompeu-se para sempre. Como a arte não pode ser mais a imitação de uma harmonia natural, ela se torna autônoma. Se o mundo moderno é mais rico em dons e em perigos do que o dos Gregos, observa que essa mesma riqueza fez desaparecer o sentido positivo sobre o qual repousava a vida, que era a totalidade.

Nos tempos épicos, o mundo surgia incorporado à arte. A divisão posterior desta unidade foi vigorosa no platonismo, quando viver devotado à arte significava viver à distância da Idéia. Tal cisão foi fundamental no mundo europeu medieval, quando o artista estava preso a algum setor social, como a Igreja, a aristocracia feudal ou a burguesia emergente. Segundo Marcuse, a primeira figura que encarna a autoconsciência da alienação provocada pela arte se apresenta no final da Idade Média, quando, com o surgimento das universidades.

A resolução da condição alienada do artista foi por eles prefigurada, apesar de não resolvida: os valores que não encontram lugar no mundo da vida podem ser preservados na forma da subjetividade artística. A alienação do poeta de um mundo desertificado apresenta-se como garantia de refúgio dos ideais contrários à realidade deficiente, “ele fica sobre e contra a realidade”, escreveu Marcuse. Fica evidente sua simpatia pelos *outsiders* e, na seqüência, a necessidade emergente de uma “nova sensibilidade” capaz de moldar esteticamente as coordenadas simbólicas que organizam o chamado mundo real.

A arte apresenta um mundo onírico de perfeita harmonia, unidade e beleza, que a vida cotidiana desmente.

1.4. A arte do mosaico como ferramenta

O mosaico é uma arte milenar. A palavra mosaico origina-se do termo latim “mosaicon” que significa “musa”, algumas fontes traduzem como “paciência das musas”.

Esta arte teve origem nas antigas civilizações como o Egito e a Mesopotâmia. O “Estandarte de Ur” (3500 a.C.), é considerado pela maioria dos historiadores como o mosaico mais antigo que se tem conhecimento. Foi encontrado na Suméria (antiga Mesopotâmia) atual Iraque.

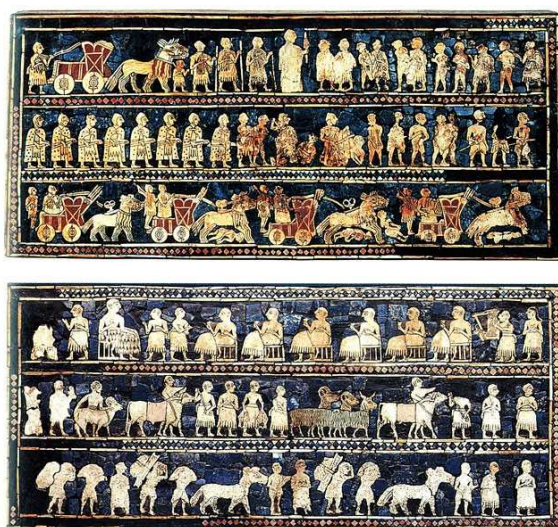


Figura 1- Estandarte de Ur

Fonte: http://www.luxstudium.com.br/artigos/headline.php?n_id=99&u=1%22

Tratam-se de dois painéis retangulares feitos de mármore, arenito avermelhado, lápis lazúli e conchas. Suas duas faces foram trabalhadas, numa delas são narradas cenas de guerra, com o rei e seu escudeiro num carro que corre e espezinha seus inimigos, os vencedores conduzem os prisioneiros, os quais atados em pares, são apresentados ao rei. Na outra face mostram-se cenas da vida doméstica de um dos reis sumérios.

O mosaico tem momentos fragmentados da sua origem até os dias de hoje. Começou no séc.VIII a.C., quando os gregos utilizavam pedras cortadas em cubos para pisos, refinando a técnica no séc.V a.C.

Na Grécia foi encontrado um dos documentos mais antigos relativo à arte do mosaico (meados do século III a.C). Num fragmento de papiro descreve-se o método para execução de um pavimento numa sala de banhos.

Na época romana, a arte do mosaico espalha-se pelos templos, teatros, estabelecimentos públicos, lojas, mercados, etc. Os materiais utilizados eram os mármorees da região e de procedências longínquas, como os oriundos da África.

O vidro surgiu no período Helênico e foi um dos principais materiais utilizados pelos bizantinos na decoração das paredes, tetos e pisos. No séc 50 a.C., a Itália era o principal produtor de mosaicos. O estilo Bizantino espalhou-se pela Europa e decaiu no início da Renascença.

Durante o século VII produz-se um renascimento da arte musivária, que se expande a partir de Constantinopla, em duas direções: oriente e ocidente.

No oriente, os mosaicos revestiam, tal como as pinturas murais, os muros e tetos de muitos edifícios omíadas, levantados nesse período. Porém, ao contrário das pinturas, que perduram vários séculos, os mosaicos deixaram de ser executados em pouco tempo (algumas dezenas de anos).

Estes mosaicos eram obras realizadas por artistas bizantinos cedidos pelo imperador de Constantinopla, a pedido do califa Walid ibn Add al-Malik. Foram decoradas as mesquitas de Meca, Medina e Damasco.

A Mesquita de Damasco (Síria) é um monumento belíssimo, não só pela construção, mas, também, pela riqueza da decoração musivária, incluindo tesselas de ouro.



Figura 2- A Mesquita de Damasco

Fonte: http://www.luxstudium.com.br/artigos/headline.php?n_id=99&u=1%22

A partir do séc XIV, o mosaico fica subordinado à pintura, perdendo sua autonomia artística. Alguns pintores importantes preparam cartões para mosaicos, na Basílica de São Pedro, Giotto assina um dos mais célebres. Somente no século XV, em Florença dos Médicis, o mosaico retoma força e em Veneza forma-se uma nova escola de mosaico.

No período seiscentista, Roma voltou a assumir a hegemonia enquanto centro produtor de mosaico e na formação de especialistas. Este impulso deve-se em grande parte à decoração com mosaico da Basílica de São Pedro.

Em setecentos, os mosaicos começam a valorizar-se devido a sua durabilidade. Observa-se uma predileção por mosaicos de grandes formatos, realizados com pasta vítrea e os temas eram reproduções de obras pictóricas.

No início do século XIX, na França, em pleno Neoclassicismo, foi inaugurada uma escola imperial de mosaicos, onde a atividade principal era a imitação e restauração de obras antigas.

Em 1900 surge Antoni Gaudí, arquiteto magnífico que optou por revestir suas obras com cerâmicas e azulejos quebrados. Seu grande parceiro foi o arquiteto Josep Maria Jujol, que é quem assina a maioria dos principais desenhos utilizados nos mosaicos.

" Fazendo um paralelo com a música Gaudí foi um grande diretor de orquestra e Jujol seu melhor solista. Individualmente, Jujol foi um compositor excepcional". (Josep M. Vall - Autor do livro "Jujol em Vallmoll").

Casa Batló



Figura 3- Casa Batló

Fonte: http://www.luxstudium.com.br/artigos/headline.php?n_id=99&u=1%22



Figura 4- Casa Batló (detalhe)

Fonte: http://www.luxstudium.com.br/artigos/headline.php?n_id=99&u=1%22

Parque Güell - Barcelona Espanha



Figura 5- Parque Güell (detalhe fonte)

Fonte: <http://www.barcelona-tourist-guide.com/albums-sp/gaudi-park-guell/index.html>



Figura 6- Parque Güell

Fonte: <http://www.barcelona-tourist-guide.com/albums-sp/gaudi-park-guell/index.html>



Figura 7- Parque Güell

Fonte: <http://www.barcelona-tourist-guide.com/albums-sp/gaudi-park-guell/index.html>

Casa Milá- Barcelona, Espanha



Figura 8- Casa

Milá

Fonte:

<http://www.spain.info/TourSpain/Arte%20y%20Cultura/Conjuntos%20monumentales/I/CP/0/Parque%20Guell%20%20Palacio%20Guell%20y%20Casa%20Mila.htm?Language=es>

Igreja da Sagrada Família – Barcelona, Espanha



Figura 9- Igreja da Sagrada Família (detalhe)

<http://www.spain.info/TourSpain/Arte%20y%20Cultura/Conjuntos%20monumentales/I/CP/0/Parque%20Guell%20%20Palacio%20Guell%20y%20Casa%20Mila.htm?Language=es>



Figura 10- Igreja da Sagrada Família

<http://www.spain.info/TourSpain/Arte%20y%20Cultura/Conjuntos%20monumentales/I/CP/0/Parque%20Guell%20%20Palacio%20Guell%20y%20Casa%20Mila.htm?Language=es>

Faz-se necessário e urgente que essas pessoas produzam arte, pensem questionem e retratem seu modo de vida e tudo aquilo o cerca.

Atualmente, várias pessoas estão se dando conta do artificialismo do mundo da arte contemporânea e sonhando com a volta de algum santuário no qual a sinceridade, se não a excelência, possam ser reencontradas. Hoje, muitos artistas caminham em busca da última fronteira da arte visual: a arte outsider. Trata-se de uma arte criada por artistas não-profissionais. Geralmente artistas mentalmente perturbados, fisicamente excepcionais, autodidatas, analfabetos, criminosos e excluídos de alguma forma dos processos sociais. Os trabalhos são admirados por estarem livres das velhas convenções do mundo da arte e por terem sido forjados por experiências reais, dolorosas e comoventes. Alguns críticos de arte podem questionar quanto à sua grandiosidade, porém não podem negar que são fascinantes enquanto registro das circunstâncias nas quais foram produzidas. (Gardner, 1996).

1.5. A escolha da técnica da arte do mosaico

Existem dois motivos para a escolha da técnica da arte do mosaico. Um motivo é objetivo e o outro, subjetivo.

O motivo objetivo baseia-se no fato de que o que sobra da construção civil são restos de cerâmicas, cacos, recortes ou peças avulsas que não possuem metragem suficiente para revestir um ou mais cômodos com uniformidade.

E o subjetivo, baseia-se no fato de que é do resto que o sujeito se reconstrói. Pois, fazendo-se uma analogia ao ser humano, o mosaico é composto por cacos e imperfeições, sem daí perder a sua beleza, complexidade, grandiosidade e eternidade (os romanos no século III d.C. chamavam os mosaicos de pintura para a eternidade), bastando para isso unir todas as peças com criatividade.

Arquitetura espontânea, visionária, extraordinária, outsider são algumas expressões usadas para designar o processo em que indivíduos passam a construir o ambiente em que habitam de uma forma nada convencional, fugindo totalmente aos padrões. Esse tipo de arte é difícil de ser definida porque não há regras, mas podemos citar alguns aspectos comuns. Os artistas freqüentemente

começam suas criações na segunda metade de suas vidas, não existe treinamento formal na arte, e continuam com esse trabalho criativo por muitos anos, alguns até a morte e de uma forma bem obsessiva.

Os materiais utilizados são os mais baratos, doados, restos de obras da construção civil, e muitas vezes retirados do lixo ou os que estão disponível na própria natureza como conchas e pedras. Geralmente, a jardinagem e as esculturas são utilizadas para compor esse mundo visionário.

Na Europa e nos Estados Unidos diversos especialistas estão estudando esse fenômeno, infelizmente no Brasil ele é muito pouco conhecido.

A seguir citaremos alguns exemplos, é importante observarmos que o mosaico está muito presente nessas manifestações artísticas o que merece uma análise mais profunda do porquê dessa intensa relação.

1.5.1. *Gaudí Brasileiro*

Estevão Silva da Conceição é baiano de Santo Estevão, grotão da Bahia, não chegou a concluir o primeiro grau e veio para São Paulo procurando uma melhor condição de vida, trabalhou como vigia noturno de uma obra, montador de estruturas de ferro e na construção civil durante dez anos, atualmente é porteiro em um prédio de classe alta de São Paulo.



Figura 11- Interior

Fonte: <http://www.guiaespecial.com.br/03culturaarte/estevaalconceicao.htm>

Em 1986 Estevão começou a erguer sua casa no meio da favela de Paraisópolis, uma das mais populosas da capital paulistana. A obra, com direito a jardim no estilo Parque Güell, chamou a atenção dos organizadores do aniversário de 150 anos de Gaudi. Em 2002, o baiano embarcou para a Espanha e participou dos festejos e ainda foi estrela de um documentário, dirigido pelo brasileiro Sergio Oksman, exibido pela TV Odisséia, canal a cabo espanhol. Estevão não gosta quando dizem que sua casa é feita de lixo.

"Fico bravo quando as pessoas dizem que fiz minha casa com lixo. Eu comprei muita coisa, a maioria. Cimento não se acha na rua, né? Comecei plantando uma pequena roseira, e como cresceu muito, fui construindo uma armação de ferro e para guiá-la, que fui forrando com cimento, terra e pedras e mosaicos".



Figura 12- Interior 2

Fonte: <http://www.guiaespecial.com.br/03culturaarte/estevaococeicao.htm>



Figura 13- Interior 3

Fonte: <http://www.guiaespecial.com.br/03culturaarte/estevaoconceicao.htm>

1.5.2. *Casa da Flor*

"Esta casa não é uma casa, isto é uma história, é uma história porque foi feita por pensamento e sonho" (Gabriel Joaquim dos Santos).



Figura 14- Casa da Flor

Fonte: http://www.luxstudium.com.br/artigos/headline.php?n_id=99&u=1%22

Em 1912 Gabriel Joaquim dos Santos começou a construir, com muita dificuldade, a sua própria casa na cidade de São Pedro da Aldeia (Rio de Janeiro). Era um homem de origem simples, trabalhador das salinas da região, filho de um ex-escravo e de uma índia. Onze anos depois, Gabriel começa o embelezamento de sua casa utilizando como material o lixo abandonado. Andava pelas ruas, catando tudo o que via pela frente, geralmente objetos sem uso para grande maioria das pessoas. De cacos, conchas, telhas e lâmpadas queimadas, surgiram muitas flores, plantas e mosaicos. Tudo, fruto de sua imensa criatividade.

Apesar da dificuldade de enxergar, não parou de ornamentar o seu palacete até a sua morte em 1985, aos 93 anos.

Hoje a "Casa da flor" como ficou conhecida é considerada uma obra prima e foi tombada pelo Instituto Estadual de Patrimônio Cultural.

"Muitos vão se surpreender, mas, para mim, uma das obras mais importantes da arquitetura brasileira é a Casa da Flor. ... Para mim, é um exemplo raro de arquitetura espontânea, poética, sem qualquer imposição. A fachada você jura que é Gaudí." (Ariano Suassuna, Revista AU - Arquitetura e Urbanismo - Ano 16 - n.º 94 fev/mar 2001)



Figura 15- Casa da Flor (detalhe 1)

Fonte: www.casadaflor.org.br



Figura 16- Casa da Flor (detalhe 2)

Fonte: www.casadaflor.org.Br

1.5.3. La Maison Picassiette

Em 1928 o coveiro Raymond Isidore (1900 - 1964), adquiriu 4000 metros quadrados de terra e começou a construir sua casa em Chartres na França. Trabalhava a noite e nos fins de semana. Em um ano seu pequeno repouso estava pronto. Porém foi em 1937 que Isidore começou a revesti-la com cerâmicas e vidros quebrados mesmo sem nunca nem ter ouvido falar na técnica de mosaico. Tudo foi decorado tanto a parte interna como a externa. Todo esse trabalho só teve fim com a sua morte em 1964. A criação de Isidore é impregnada de misticismo e de referências bíblicas e em 1981 "La Maison Picassiette" foi considerada patrimônio histórico.



Figura 17- La Maison Picassiette

Fonte: <http://www.janesaddictions.com/vasseur01.htm>



Figura 18- La Maison Picassiette (detalhe 1)

Fonte: <http://www.janesaddictions.com/vasseur01.htm>



Figura 19- La Maison Picassiette (detalhe 2)

Fonte: <http://www.janesaddictions.com/vasseur01.htm>

2. METODOLOGIA:

O trabalho consistiu em estudar um grupo de pessoas que trabalham com a arte do mosaico.

Para esse trabalho, foi desenvolvida uma metodologia de análise qualitativa, pois ela privilegia a análise de microprocessos, através do estudo das ações sociais individuais e grupais, realizando um exame intensivo de dados (Minayo, 1993).

2.1. A população a ser estudada:

As pessoas que fizeram parte da pesquisa foram selecionadas seguindo os critérios de interesse, por parte da pessoa e do pesquisador, da aptidão, da disponibilidade, do comprometimento, da habilidade, da criatividade e da idade do participante. O público alvo foi composto por adultos ativos, entre 18 e 60 anos, sendo 8 mulheres e 2 homens. Os informantes foram acessados pela metodologia "bola-de-neve" (Biernacki, Waldorf, 1981), segundo a qual alguns informantes eram previamente identificados e estes, após serem entrevistados, eram solicitados a indicar novos possíveis informantes para a pesquisa. Foi feita uma busca pelos artesãos em lojas de artigos para artesanatos e feiras populares. Em algumas das lojas, os próprios artesãos, que foram entrevistados, lecionavam cursos de mosaico, pintura, *patchwork*, *pintura country*, etc. Quando não havia um responsável, algum vendedor da loja indicava o nome de um fornecedor de mosaico.

O critério para uma análise qualitativa não é numérico, portanto definimos uma amostra ideal no decorrer da pesquisa até que houve uma certa reincidência das respostas, sem desconsiderarmos informações ímpares de relevante interesse para a pesquisa. Nessas reincidências chegamos também a uma pessoa-chave, que foi citada por várias outras pessoas

A questão do gênero ficou bem acentuada na pesquisa. Apenas dois homens foram encontrados nesta pesquisa. De acordo com Souza, isso se deve a um processo histórico, em que as mulheres desta época (até a década de

1960) representavam um número menor de estudantes em todos os níveis educacionais. Essa situação de menor qualificação profissional tem como consequência um número maior de mulheres desempregadas do que homens na mesma faixa etária. Essa situação de meio tempo livre gera maiores oportunidades para o trabalho informal. Mas, também, de acordo com Sousa (2006) mesmo aquelas mulheres que chegam a universidade a maioria tende a escolher as áreas ligadas às humanidades, educação e saúde, enquanto os homens tendem a escolher os campos de conhecimento técnico e científico.

2.2. Instrumentos de coleta de dados e fases de sua aplicação:

As entrevistas semi-estruturadas (Minayo, 1993), incluindo questões abertas e fechadas (anexo I) foram direcionadas aos artistas sem formação formal que se interessaram em participar da pesquisa. No entanto, foi entrevistado apenas um artista plástico, o qual foi citado por alguns dos artesãos entrevistados como sendo referência para o seu próprio trabalho. Essa entrevista com o artista plástico possibilitou uma comparação entre o desenvolvimento do seu processo de criatividade e o dos artesãos. Foram aplicadas entrevistas semi-estruturadas que foram complementadas com relatos de história de vida. A história de vida foi uma estratégia importante para a compreensão da realidade e o contexto social dos entrevistados. As entrevistas semi-estruturadas, ou abertas, conforme define Minayo são “conversas com finalidade”. Foi definido um roteiro a fim de seguir como um guia para a “conversa”. Estas entrevistas foram gravadas, transcritas e logo depois apagadas, segundo o termo de consentimento livre e esclarecido (anexo II).

A pesquisa foi complementada com a observação participante, que foi feita durante as entrevistas. Minayo define a modalidade de Observador-como-participante que é empregada frequentemente como estratégia para complementar as entrevistas nas relações com os atores. É uma observação quase formal, em curto espaço de tempo.

Nesta etapa, para complementar a observação e para o enriquecimento do estudo, pode ser feitas fotos das peças dos artistas e/ou dos próprios artistas em

seu local de trabalho e/ou juntamente com as suas obras. Estas fotos poderão ou não ser feitas. Elas dependerão do consentimento dos artistas.

Serão feitas anotações em caderno de campo das observações que não constarem nas entrevistas formais tais como seu contexto social, rotinas de trabalho, o tom da conversa, a vida social, comportamento, o espaço que o envolve, seu ponto de vista, sua visão de mundo e sua relação com a vida.

Durante todas as etapas do trabalho serão realizados registros fotográficos. Isto inclui, os ateliês, as obras, os trabalho de campo e os participantes.

2.3. Análise dos dados obtidos:

Os dados obtidos serão baseados nas análises das entrevistas, nas histórias de vida e nas observações.

A Análise de Conteúdo parte de uma leitura de primeiro plano para atingir um nível mais profundo, que ultrapassa os significados manifestos enquanto que a Análise de Discurso analisa de maneira mais sistemática uma reflexão sobre as circunstâncias de produção e apreensão da significação dos textos produzidos. (Minayo, 1993). As duas análises se colocam como uma tecnologia de interpretação de texto e não nos permite inferências a respeito dos dados.

Para este trabalho adotaremos a Hermenêutica-Dialética que se apresenta como um “caminho do pensamento”. Minayo (1993) define hermenêutica como a explicação e interpretação de um pensamento. Este método não determina técnicas de tratamento dos dados, mas sim, sua compreensão.

A hermenêutica traz para o primeiro plano, no tratamento dos dados, as condições cotidianas de vida e promove o esclarecimento sobre as estruturas do mundo do dia-a-dia. Ela analisa os dados da realidade tendo como ponto de partida a manutenção e a extensão da intersubjetividade. É de fundamental importância compreender o contexto dos entrevistados, o que possibilita a interpretação aproximada da realidade.

3. PERFIL DOS ENTREVISTADOS:

3.1. C. S. C. Borges

Tem entre 40 e 50 anos, é casada tem três filhos. Nasceu na cidade do Rio de Janeiro e cursou até o quarto ano de engenharia química. Largou o curso para se casar e nunca exerceu a profissão. A sua família era proprietária de uma fazenda na cidade de Rio Novo em Minas Gerais, onde Borges passava suas férias na infância. Hoje a fazenda é de sua propriedade. Ela atribui à vida no campo o desenvolvimento da sua criatividade em fazer produtos artesanais. Sempre que ia para a fazenda, a artesã, que começou com a culinária, fazia produtos típicos da roça para consumo próprio e para vender. Produtos tipo queijo, doces em caldas e conservas. Um dos motivos, era a fartura de produtos na fazenda e o tempo ocioso que ela tinha.



Figura 20 - Local de Trabalho

Fonte: Foto Autora

Depois ela começou a trabalhar com artesanato na parte de tecido, forrando porta-retratos; depois ela passou a comprar sapatos, tênis e chinelos para pintar e bordar igual às camisetas para fazer conjuntos. Borges mora sozinha. Os filhos já se casaram e moram fora da cidade. O marido trabalha em outro estado e vem uma vez por mês à cidade visitá-la. Hoje, ela divide o tempo entre o cargo de síndica do prédio onde mora, o comércio de tomate seco, a fazenda e o artesanato. Além do mosaico, a artesã faz caixas personalizadas com fotos e porta-retratos. Toda essa sua atividade é proveniente da busca de uma alternativa de fonte de renda, para buscar uma independência financeira do marido.

Tem como referência artística o pintor da região chamado Claro de Campos.

Sales, hoje, trabalha apenas por encomenda. Ela reclama que ter um estoque grande de material dificulta o armazenamento e a baixa rotatividade. Acontecia de algumas peças não saírem, e ficarem um bom tempo sem ser vendidas. Era um capital parado e um lugar da casa ocupado. Outro motivo também era o desejo do cliente. Às vezes a peça era azul e o cliente queria verde, assim a peça não era vendida. Agora, a artesã trabalha quase exclusivamente por encomenda, ao gosto do cliente. Não precisa ter estoque e pode estar sempre renovando sem ter um capital parado. Somente em datas festivas, como dia das mães ou Natal, ela deixa alguma coisa pronta para uns clientes de última hora que querem dar um presente diferenciado e não encomendaram a tempo. A artesã fez vários cursos no Rio de Janeiro que ela concilia com a visita ao filho.

Seu processo criativo acontece geralmente à noite, concomitante à execução. Ela acha esse horário melhor, pois não é interrompida pelo telefone, ou vizinhos e antigamente, pelas crianças ou o marido. É nessa hora que ela consegue relaxar para criar.

As sensações de mal-estar são eliminadas pelo uso de equipamento de proteção individual. Quando é necessário ela usa luvas, óculos ou máscara. Apenas quando é perguntada especificamente sobre as ferramentas, se causam dores, ela concorda que às vezes o ato de picar e lixar os azulejos deixa os dedos doloridos.

A sensação de bem-estar é respondida com entusiasmo, “total”. De tudo o que ela faz, o que mais dá prazer é a reforma de móvel antigo. Ela diz que dá um pouco de transtorno porque faz poeira, é grande, só dá pra fazer na fazenda. O motivo disso é que ela gosta de ver o antes e o depois. Ela sempre fotografa essas duas fases para comparar. Antes, todo estragado e depois, todo impecável.



Figura 21- Ferramentas de Trabalho

Fonte: Foto Autora

Borges também tem o total apoio da família, que também participa e dá opiniões. Dão apenas opinião, não podem fazer mais nada, nem ajudar a pintar os móveis. Também os móveis começaram pela fazenda. Era necessário reformar alguns. Toda a sua inspiração, tempo e matéria-prima foram provenientes da fazenda.

A artesã gosta de tudo o que faz. Se não gostar desmancha tudo e faz de novo. Ela diz que não é capaz de vender algo que não goste. Nem mesmo na comida. Ela só cozinha o que gosta de comer, pois justifica que não teria como experimentar e conseqüentemente não teria como passar isso para as pessoas.

Par valorizar o artesanato, a mosaicista computa o custo que teve, o trabalho que deu para fazer e a utilidade que aquilo terá para a pessoa. Sua motivação é ter seu tempo ocupado e o fato de não depender de ninguém. Depender apenas dela mesma para fazer tudo. Fazer na hora que quer, o que quer, do jeito de quer. Nunca teve nenhum ajudante. Gosta de fazer tudo desde o

momento em que começa até a entrega do produto. Usando o tomate como exemplo, ela mesma compra o vidro, esteriliza , busca o tomate, tempera, seca. Se achar que um trabalho encomendado não será gratificante, ela simplesmente não aceita a encomenda. Não gosta de fazer nada de mau humor.

Borges se descreve com uma personalidade marcante. É muito caprichosa e exigente consigo mesma. Corre atrás dos seus objetivos, e isso, em parte, agradece à família que sempre a apoiou a levar a frente os seus projetos.

3.2. I. C. da Silva

Tem 44 anos, é divorciada e tem duas filhas que moram com ela. Nasceu na cidade de Cataguases em Minas Gerais onde concluiu o segundo grau. Mudou-se para Juiz de Fora devido aos estudos das filhas que queriam ingressar na Universidade Federal de Juiz de Fora.

Hoje ela trabalha numa loja de material de construção que vende, principalmente, material de acabamento. Seu trabalho é vender e fazer paginações de pisos e azulejos para atrair o cliente ou mesmo fazer com que ele compreenda a sua idéia. Isabel já trabalhava nesta empresa na cidade de Cataguases e pediu transferência. Ela diz que entrou no mosaico por acaso. Antes ela fazia bijuterias para uso próprio. Uma cliente, ao escolher materiais de acabamento para a reforma de sua creche, pediu que Silva sugerisse algo diferente para a fachada da sua escola. Isabel, então, sugeriu que a cliente fizesse um mosaico da Turma da Mônica. A cliente aprovou a idéia e comprou o material. Dias mais tarde, a cliente voltou pedindo uma indicação de um profissional que fizesse o serviço, pois ela não estava encontrando. A vendedora também pensou e não encontrou ninguém. Mas, para garantir a venda, a vendedora se ofereceu para fazer, até mesmo sem ganhar nada. O trabalho foi tão bem aceito que Silva foi convidada a fazer parte de uma equipe de restauro de um mosaico modernista tombado pelo patrimônio histórico da cidade em um hotel da cidade. Ficou nesta obra trabalhando por cerca de oito meses apenas no seu tempo livre. Daí pra frente começou a fazer coisas por conta própria e por consequência acabava vendendo. Houve uma vez em que ela, vendo uma mesa abandonada e velha na loja, pediu ao gerente que ele a deixasse fazer um mosaico para melhorar a mesa. Ele permitiu. Todos adoraram a mesa. Sugeriram de lavar a mesa para o estande da loja em uma feira de construção civil e pediram à Silva que fizesse mais uma. Ela fez. O sucesso foi tão grande que causou uma certa indignação nos vendedores da loja, pois as mesas chamavam mais atenção do que os produtos expostos. Por fim, as duas mesas foram vendidas.

Desde que a vendedora se mudou para Juiz de Fora, ela deixou de fazer mosaicos, pois em seu apartamento não há espaço suficiente para trabalhar. Ela se lamenta por isso.

Por trabalhar com pisos e azulejos, seu processo criativo começa quando ela vê um novo produto chegando. O que chama a sua atenção são as cores desses novos produtos. Ela começa pelas cores que tem e a partir daí vai montando a sua peça. A criação é concomitante à execução. Não há um projeto específico. Silva trabalha apenas em seu tempo livre. À noite e nos finais de semana. Não se importa com o dinheiro, ela quer apenas agradar o seu cliente. Normalmente, pensa em fazer de graça, mas no final sempre cobra algo só pra não ficar em branco.

Ela não compõe um preço. Ela olha pra peça e estima um preço. Um chute que é bem abaixo do mercado.

Quando pergunto sobre as sensações do seu processo de criação, responde que só existem boas sensações, principalmente de ver o retorno positivo das pessoas. Todos adoram os seus trabalhos, inclusive, ela mesma. Ela gosta de tudo o que faz. O que ela não soube responder, era se a sensação de não conseguir parar era boa ou ruim. Ela diz que sempre quer ver mais um pedacinho pronto e avança a madrugada adentro. A mosaicista diz que seu limite é a dor no corpo, nesse momento que ela repara que extrapolou no tempo em que se dedicou ao mosaico naquele dia. Diz a artista que, às vezes, é até necessário tomar um analgésico. Ela acha que isso é ruim porque não consegue controlar o tempo e por outro lado, é tão bom, que não vê o tempo passar. É um momento de introspecção.

A sua motivação é ver algo realizado e fazer com que o cliente compreenda e compre a sua idéia. Chegou ao extremo de executar a obra. Ela diz que adora o que faz e esse é o segredo de ser um bom profissional.

Ela se descreve como uma pessoa que adora mudanças, está sempre em busca de algo novo e que não tem problemas em mudar de opinião. “-O que está bom num dia no outro pode não estar”.

3.3. J. Rossini

Rossini é casada pela segunda vez. Tem 45 anos e uma filha. Teve uma infância difícil, pois ela apresenta um problema de dicção, um tipo de gagueira e diz que as crianças são muito cruéis, ficavam rindo e debochando do seu jeito de falar. Ela parou de estudar na sétima série devido a não agüentar mais a implicância dos colegas. Desse momento em diante, passou a ajudar o seu pai que era dentista. Ele a ensinou a fazer prótese e até hoje ela se dedica a isso três vezes na semana, só que agora, com o seu irmão. Ela ficou com esse serviço porque não conseguiu nada melhor já que não tinha estudo. Depois ela começou a cozinhar e gostou. Disse que leva jeito porque gosta e tudo o que é feito com prazer sai bem feito. A partir daí começou a fazer comida congelada, mas teve que parar, pois não tinha registro e a fiscalização estava multando os estabelecimentos que não tinham nota fiscal na época.



Figura 22- Rossini

Fonte: Foto Autora

Um dia ela viu um mosaico, achou bonito e disse que iria fazer e fez. Nunca fez curso de nada. Devido ao mosaico, Rossini comprou algumas revistas para ter algumas idéias e começou a fazer. Seu objetivo não era fazer dinheiro, era apenas ocupar o tempo e a mente.

A mosaicista vive basicamente com a renda do marido e uma pensão que recebe. Ela vende os mosaicos em uma feira de um bairro aos sábados. A verba do mosaico ajuda, mas não é essencial. Ela até comprou um carro, exclusivamente para carregar os seus trabalhos de casa para a feira e para fazer as entregas dos clientes.

O seu processo criativo começa com as revistas, em que ela busca como fonte de inspiração, mas ressalta que não é cópia. Costuma trabalhar mais durante a noite, pois durante o dia fica por conta dos afazeres domésticos ou da prótese. Ela começa definindo qual objeto será feito, depois define as cores, pica os azulejos durante o dia e à noite, depois que todos dormem, ela traz o material do ateliê pra dentro de casa e simula a posição dos cacos até encontrar a forma desejada. A criação é concomitante a execução.

A artesã faz objetos por encomenda e outros por vontade própria, porém os de encomenda, ela só faz se gostar. Rossini se recusa a fazer algo que pode ficar feio. Mesmo se a pessoa que estiver pagando for enfática e não mudar de opinião. Ela diz que não coloca o nome dela em algo que ache feio, pois depois dirão que foi ela quem fez algo de mau gosto e não um pedido da cliente.

Antes de dormir, costuma pensar em coisas que possa fazer. Quando tem uma idéia, levanta da cama e anota para não perder. Porém já teve fazes de pouca criação. Já ficou até quinze dias sem conseguir pensar ou fazer nada. Quando isso acontece, ela apenas deixa o tempo passar e espera que a inspiração volte normalmente.

A artesã diz que gosta de tudo o que faz. Os poucos que ela não gosta por algum motivo, ela coloca o preço bem abaixo do mercado, só para ele ir embora rápido.

O que mais a motiva é que durante o processo de criação e execução ela não pensa em nada. Esquece de contas, de problemas e coisas ruins. Ela gosta muito do que faz.

A sua família a apóia totalmente, apesar de às vezes reclamarem da sujeira e dos cacos espalhados pela casa. O marido a ajuda a picar os azulejos, pois ela

os acha duros. Sua mão tem muitos calos devido a uma torquês de péssima qualidade com a qual trabalhava. Há pouco tempo ganhou de uma amiga do Mato Grosso uma torquês nova que facilitou muito o seu trabalho.



Figura 23- Tampo de Mesa

Fonte: Foto Autora

A valorização é feita a partir de uma tábua de frios que tem um diâmetro de aproximadamente 50 centímetros. Se uma mesa é o dobro do tamanho, então o preço é o dobro da tábua de frios. Ela costuma comparar o seu trabalho ao de um pedreiro, pois acha que também é assentamento de pastilha cerâmica. Se um dia de serviço de um pedreiro custa R\$ 40,00, ela soma o material que gastou com tempo calculado a partir do dia do pedreiro. Por exemplo, se ela levou um dia para fazer um espelho, então são R\$40,00 mais o material que foi gasto. Rossini diz que a aceitação de sua obra é muito boa. Ela nunca voltou da feira de sábado sem pelo menos uma encomenda.

As sensações são as melhores possíveis. A artesã gosta de ficar admirando o seu trabalho, antes, durante e depois. O melhor momento pra ela é o término do trabalho quando ela vê que ficou bom e bonito. Quando trabalha de encomenda, a sua alegria é quando a cliente fala: “-Pode fazer do seu jeito, o que quiser”. Quando perguntada sobre mal estar, a primeira resposta foi não ter nenhuma sensação ruim, mas depois ponderou que o alicate às vezes dá uma beliscada, o rejunte corta a mão, os calos, mas fora isso, nada, nada.

Rossini se descreve como uma pessoa de personalidade forte, que não segue o que os outros pensam, principalmente no que se refere a sua obra durante a execução. O seu marido costuma dar palpites no seu trabalho, mas ela não o acata. Diz que a obra é sua e faz do jeito que quiser, caso ele queira que faça de outro jeito, então ele que faça a dele. É muito ativa e não sabe ficar parada. É muito vaidosa e, se não fossem os elogios que recebe pelo seu trabalho, já teria parado de fazer mosaicos.



Figura 24- Mesa
Fonte: Foto Autora



Figura 25- Local de trabalho
Fonte: Foto Autora

3.4. L. F. Paiva

Nasceu em 1969, na cidade mineira de Santos Dumont, onde passou a infância e adolescência. Era um grande colecionador. Colecionava, tampinhas, selos, figurinhas, etc. Em 1988 ele se mudou para Juiz de Fora para completar os estudos na Universidade federal de Juiz de Fora no curso de Engenharia Civil. É casado e possui duas filhas.



Figura 26- Paiva

Fonte: Foto Arquivo Paiva

Neste período concilia os estudos com o trabalho de desenhista free-lance. Em 1996, larga o curso de engenharia para dedicar-se ao mosaico, que começou por curiosidade e vontade própria. No ano de 1998 realiza a sua primeira exposição individual de mosaicos na Galeria Portinari, de lá pra cá, tornou-se referência em mosaicos na cidade de Juiz de Fora e região. Em 2000, decidido a ser artista plástico, ingressa no Curso de Artes Plásticas na mesma universidade. Hoje, divide seu tempo entre as aulas de artes para alunos de 7 a 9 anos, em uma escola da Prefeitura de Juiz de Fora e o trabalho como mosaicista. Desenha todos os dias, e gosta de lecionar para crianças, pois diz que essas nunca dizem que não sabem desenhar.

Tem como principais artistas Antoni Gaudí e Portinari. Suas principais temáticas são as raízes brasileiras, fauna, flora, a cultura e o povo brasileiro.



Figura 27- Trabalho 1

Fonte: Foto Arquivo Paiva

Seu processo criativo começa com a definição do que quer trabalhar, a partir daí, parte para uma pesquisa em livros, revistas e internet sobre o tema a desenvolver. Esboça vários rabiscos até chegar a um definitivo. Porém, os outros que não foram escolhidos, ficam guardados em uma gaveta para, futuramente serem desenvolvidos. Não possui uma rotina de trabalho. O trabalho acontece em função do tempo que possui para poder trabalhar, no mínimo ele necessita de três horas livres. As idéias, por sua vez, não têm horário para surgir. O artista anota sempre que pode e guarda para futuro desenvolvimento.

As sensações de bem-estar foram exaltadas principalmente no que se refere ao retorno dado pelas pessoas que sempre elogiam a sua obra e também quanto a realização de ter feito algo. No que se refere ao mal-estar, Paiva não se queixou de nada, disse que às vezes aconteciam uns pequenos cortes devido ao ferramental e aos azulejos, mas que isso não era nenhum problema e nem o impediria de continuar.



Figura 28- Trabalho 2

Fonte: Foto Arquivo Paiva

O artista tem total apoio da família, que participa e opina. Ele, por sua vez, ouve e respeita as informações, porém não as acata. Diz que aquela é uma obra sua. A família cedeu o terraço do sobrado onde mora, para que Leonardo pudesse instalar ali o seu ateliê. Elas, sua esposa e suas filhas, o respeitam tanto que quando ele está trabalhando, ouvindo músicas instrumentais, ninguém o perturba e nem mesmo mexem nos seus cacos que ficam espalhados pelo chão.



Figura 29- Trabalho 3

Fonte: Foto Arquivo Paiva

A sua obra é bem aceita pelos outros e por ele mesmo. Da sua parte, gosta de tudo o que faz. Caso não goste de algo, modifica aquela parte, mas mantém a idéia original. O trabalho final, normalmente, fica bastante próximo da idéia original. Mesmo aquelas obras que ele não gosta muito, o artista coloca em exposições. Diz que elas são como filhos, existem os feios e os bonitos, mas são todos filhos. Pois, mesmo que ele não goste, aquela obra de alguma maneira vai se comunicar com alguém, por isso ele não a desfaz ou ignora. Ele diz que a aceitação de sua obra por parte dos outros é muito boa e que na sua primeira exposição, tiveram 22 quadros expostos, dos quais, 20 foram vendidos. Faz questão de ressaltar que o mosaico é o seu trabalho e não uma arte-terapia.

Paiva não vive apenas da renda do mosaico. Ele se diz metade mosaicista e metade professor. Diz que quem paga as contas é o trabalho como professor, porém tudo o que conquistou, como carro e casa, foram pagos com o trabalho de mosaicista. Paiva acha até que daria para viver somente com a renda de mosaicista, porém não dá pra contar com as incertezas da profissão. Existem épocas em que se vendem poucos e épocas em que se vendem muitos quadros.

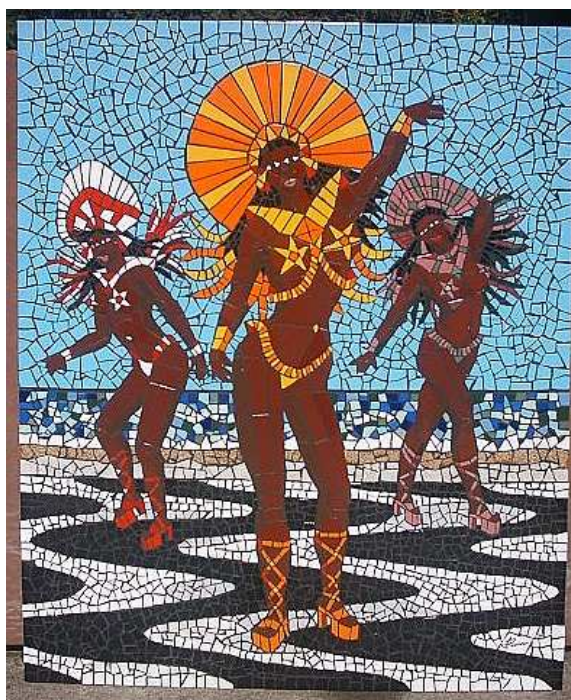


Figura 30- Trabalho 4

Fonte: Foto Arquivo Paiva

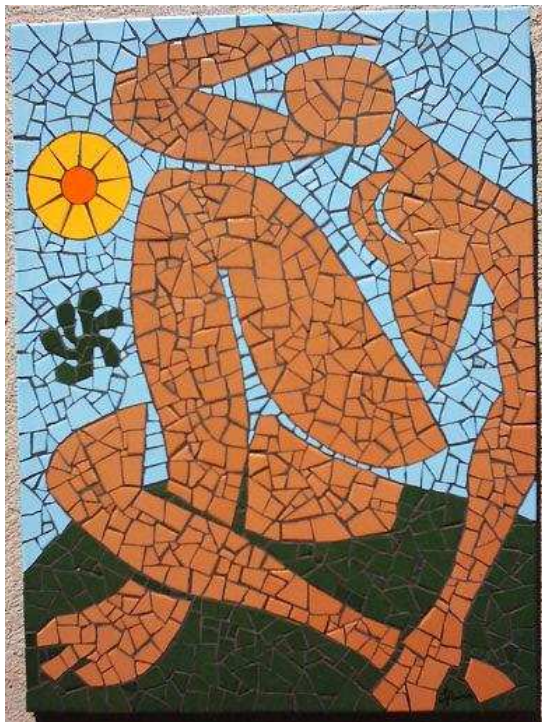


Figura 31- Trabalho 5

Fonte: Foto Arquivo Paiva

Ele valoriza a sua obra em metros quadrados. O metro quadrado é por volta de R\$1500,00 e nesse preço estão embutidas todas as pesquisas que faz para compor a obra e os seus anos de formação.

O mosaicista sente que sua obra o deixa mais incluído na sociedade a partir do momento em que ela dialoga com o espectador. É um diálogo entre ele e o outro, que de alguma forma, a sua obra toca alguém, em algum momento.

A sua motivação é a vontade de fazer arte. Diz que arte é como respirar. É uma necessidade. No que se refere ao mosaico, diz que se não fosse a boa aceitação das pessoas, não deixaria de fazer, apenas faria menos. Pois ele também pinta, esculpi, desenha etc.

Paiva se descreve como uma pessoa perfeccionista, que fica horas trabalhando uma única peça, paciente, tranquilo, equilibrado já que é libriano, e tem bom entrosamento com as pessoas e que ficou muito contente pela pesquisadora ter ido procurá-lo, por ter sido citado por outras pessoas.



Figura 32- Trabalhos Dellart

Fonte: Foto Arquivo Paiva

3.5. M. V. Vaccarini

Vaccarini tem 42 anos de idade é casada e tem dois filhos. Diz que foi uma aluna bagunceira e que desde criança sempre foi ligada às artes. Começou a trabalhar com arte mais efetivamente, aos 19 anos quando engravidou e casou-se com o pai de sua filha 5 anos depois do seu nascimento. Essa foi uma alternativa que a artesã encontrou para ter uma renda extra que conciliasse o trabalho com a criação do novo bebê. Também, devido ao bebê, desistiu de cursar uma faculdade. Ela começou no artesanato fazendo batique que é um tipo de pintura indiana, depois passou para a pátina em móveis e há 5 anos começou com o mosaico. Ela tem se especializado em fazer logomarcas de lojas comerciais em mosaico. Hoje, a sua única fonte de renda é o artesanato e sua renda é acima de 3 salários mínimos.



Figura 33- Tampo de Mesa

Fonte: Arquivo Vaccarini

Um artista que ela tem como referencia é o sandumonense Leonardo Paiva.

Seu processo criativo acontece mais à noite, quando ela também executa suas peças. Seu processo criativo é melhor desenvolvido à noite, quando ela relaxa. Costuma acontecer de ela dormir pensando em alguma situação e, pela manhã, ela acorda com a idéia resolvida. Ela não chega a anotar a solução de

manhã, pois diz que não dá tempo, mas que guarda essa idéia na cabeça até à noite quando vai desenvolver. Vaccarini diz que o desenho visualizado mentalmente, nunca fica igual a executado, no momento em que vai colando as peças, vai modificando o mosaico, chega a mudar até as cores do projeto inicial.

Ela divide seu tempo entre a pátina e o mosaico, mas a maioria do seu trabalho é feita em mosaico. Não existe uma divisão certa. A divisão do tempo se faz pela prioridade da entrega da encomenda. Ela trabalha todos os dias com mosaico. Porém ela também divide o seu tempo em trabalho pessoal e trabalho de encomenda. No período do dia ela trabalha para suprir as encomendas que tem. Hoje, ela trabalha praticamente por encomenda. No turno da noite, Vaccarini faz as suas próprias peças sem compromissos. Costuma começar por volta de 20 horas e ir até às duas ou três horas do dia seguinte. Ela não vê o tempo passar.

A artesã ressaltou que um mal estar é quando ela tem um curto período de tempo para entregar algum trabalho. Citou como exemplo, o dia anterior ao da entrevista, em que ela teve que fazer uma mesa de 70cm de diâmetro e um relógio de mosaico de uma hora da tarde até às sete horas da noite. Ressaltou que não foi uma experiência agradável, pois ficou muito cansada e dolorida. Por outro lado, quando não há o compromisso da cobrança, Vaccarini acha prazeroso. Diz que enquanto está fazendo parece que entra em transe, não pensa em nada e nem olha para o relógio. E esse mesmo tempo, que a artesã acha bom ela também ressaltou como exemplo de sensações de mal estar, pois ela gosta tanto que não consegue parar. Quer sempre fazer mais um pedaço. Caso termine de fazer uma parte em amarelo, diz para si mesma, só mais o vermelho e vai até o limite físico, quando o corpo fica dolorido.

A mosaicista diz que tem total apoio da família, pois quando trabalha em casa, geralmente à noite, tira o seu material do ateliê que fica fora da casa e leva para a sala, o que faz uma bagunça generalizada. Ninguém reclama dos cacos espalhados pela sala, reclamam apenas quando a artesã extrapola no tempo dedicado, mandam-na parar de fazer.

Ela diz que fica difícil de responder se gosta de tudo o que faz, porque faz praticamente somente por encomenda e as pessoas já chegam com uma idéia pronta do que querem. Seu método de trabalho começa ouvindo o que a pessoa quer, ela pede a um irmão, que a ajuda, para passar para o computador e apresenta o projeto para o cliente. Tendo o aceite do cliente, ela executa o

mosaico. Outra forma é quando ela faz peças para uma feira que acontece no final do ano. Nesse momento ela cria algo bem diferenciado, grande e colorido, que chame a atenção, para ficar em exposição na feira. O objetivo não é vender essa peça, ela funciona como um chamariz para obter novas encomendas. A partir dessas peças, ela diz que consegue quase que fechar o ano só com encomendas. Tem sempre um serviço na fila de espera.



Figura 34- Logomarca

Fonte: Arquivo Vaccarini

A valorização da sua obra é feita baseada em uma estimativa de mercado, varia de R\$ 450,00 a R\$ 1000,00 o metro quadrado. Ela diz que a estipulação desse preço é basicamente a mão-de-obra, o trabalho que ela teve. Se for uma peça mais trabalhosa, é mais caro, menos trabalhosa, mais barato. O material no mosaico é o que menos importa.

Ela acha que a sua arte não a inclui nem a exclui da sociedade, é um trabalho como outro qualquer. E o que mais a motiva a fazer o mosaico, ela diz que acha que é um vício. A qualquer hora ela está disposta a fazer, se deixar toda hora ela ta fazendo, até quando viaja em férias leva material pra fazer algo pra ela.

Quando perguntei sobre a sua personalidade falou que era uma pergunta difícil, que nunca havia parado para pensar sobre isso. Porém, refletiu naquele momento e disse que se achava uma pessoa normal.



Figura 35- Suporte

Fonte: Arquivo Vaccarini



Figura 36- Tapete

Fonte: Arquivo Vaccarini



Figura 37- Relógio

Fonte: Arquivo Vaccarini

3.6. M. R. R. da Silva

Silva nasceu em Brasília em 1945 e tem um casal de filhos universitários. Ficou viúva há sete meses e o trabalho que começou como *hobbie*, passou a ser sua principal fonte de renda. Por ser filha de pai militar, morou em várias cidades, passou mais tempo em Belém, teve a sua adolescência em Brasília, depois foi trabalhar no Rio de Janeiro e, por fim, Juiz de Fora onde se casou. Em Brasília, durante o regime militar, gostava de passear pela Universidade de Brasília, mesmo sem a cursar. Sempre que podia era líder de turma, diz que estava sempre em destaque apesar de não ser boa aluna. Possuía uma família muito tradicional e rigorosa com sua educação. Não podia sair sem os pais ou os avós, por isso sempre que podia, faltava às aulas para poder passear. Devido a isso, demorou a se formar no segundo grau como professora. Na sua família as mulheres eram criadas para o casamento. A única profissão que era permitida para as mulheres era a de professora. Na época, todas as filhas de militares aprendiam a pintar, bordar, cozinhar, tocar piano, fazer tapeçaria e outros artesanatos.

Desde que se casou, Silva não tinha uma profissão, era dona de casa. Mas desde 2005 ela retomou suas atividades como artesã e professora de artesanato como alternativa para, principalmente, investir o seu tempo. O dinheiro conseguido com essa nova ocupação era apenas uma conseqüência, não era o seu objetivo.

A artesã tem como rotina os dias em que tem aula, e em casa, principalmente à noite e nos finais de semana, ela desenvolve as encomendas feitas por cliente. Não cita nenhum artista que tem como referência para os seus trabalhos, apenas vê imagens em revistas que a inspiram a fazer algo que seja diferente. Ela leciona aulas de artesanato em uma loja de artigos para artesanato. Apesar de, agora, precisar do dinheiro para viver, Silva se recusa a fazer objetos que não goste, encomendados por suas clientes. Diz que ali estará a sua assinatura e isso é o principal para ela. Ela não pode assinar algo que não goste ou concorde. A professora também organiza, junto com suas alunas, grupos de trabalhos coletivos. Elas combinam de ir umas nas casas das outras para desenvolver um determinado trabalho coletivo, por exemplo, um tampo de mesa em mosaico. Todas dão o material, todas dão sugestões e todas executam o que foi acordado.

Isso normalmente acontece nos sábados à tarde. Todos esses eventos são acompanhados por um prato especial ou uma macarronada de confraternização.

Como emoções, o mosaico não é o processo de trabalho totalmente satisfatório, pois causa dores na mão, devido ao alicate, e para facilitar é necessário comprar azulejos mais finos que são próprios para mosaico e que são caros. Ela faz outras técnicas de mosaico como, por exemplo, com tinta. Ela começou com o mosaico por causa de um trabalho de colégio dos filhos no qual a professora pediu que fosse feito um com papel. Silva os ajudou, e montou uma madona com papéis picados, de lá pra cá não parou mais. Quanto aos produtos que possam incomodá-la, ela ressalta que existem vernizes e tintas para artesanato que possuem cheiro forte e que podem causar dores de cabeça. Para prevenir, ela reduz a utilização desses produtos. Quando é inevitável, ela usa máscara e só aplica em locais que sejam ventilados. Ela também alerta às suas alunas quanto a má utilização desses produtos, principalmente por ter bastante alunas mais velhas.

Como bem-estar a artesã ressalta principalmente o reconhecimento das outras pessoas, o número crescente de alunas que vem tendo e por fim, eu ter ido procurá-la por indicação de outras colegas. Ela acha que isso é um reconhecimento pelo seu trabalho e que durante o processo de execução a sensação é muito boa, pois é um tempo que ela tem para ela pensar na vida de forma geral.

No início, a artesã não tinha muito apoio da família, pois ela apenas fazia as peças e deixava em casa. Aquilo se tornava um incômodo para a família devido à falta de espaço para armazenamento. Outro motivo de reclamação era de que ela “empatava dinheiro” naquelas obras e não fazia nada com elas. A partir do momento que Silva começou a vender suas obras, e elas foram dando um retorno financeiro, mesmo que a longo prazo, a família passou a apoiá-la. O que era apenas diversão e hobby, passou a ser a principal fonte de renda, principalmente após a morte do marido.

A valorização da sua obra é feita contabilizando todo o material que gastou, inclusive energia elétrica mais o tempo que levou para ser executada. Esse resultado é multiplicado por dois e esse é o preço final da sua obra. Ela diz que esse tipo de cálculo aprendeu em cursos do SEBRAE (Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas). Silva fez questão de ressaltar que apesar de

precisar do dinheiro para viver, pois vive disso, ela não abaixa o preço das suas peças só para vender. Ela acha que assim estará se desvalorizando, principalmente quando a cliente compara seu trabalho com alguma artesã mais famosa, dando a entender que ela não poderia cobrar igual a outra.

Os seus sentimentos de inclusão com a sociedade, ela diz que são os maiores possíveis. Enquanto era apenas dona de casa, Silva era feliz, mas dizia que faltava algo. Quando passou a trabalhar com o artesanato, ela diz que sua vida mudou. Agora ela é reconhecida e admirada e que, cada vez mais, possui mais alunas.

Ela acha que o que mais a motiva é ver algo materializado e dizer que foi ela quem fez, assim como o reconhecimento das outras pessoas. Diz que ganhar elogios é muito bom. Seu sonho é cursar a faculdade de artes plásticas, mas faz uma ressalva, tem que ser em uma universidade federal. Talvez motivada pelos seus passeios no campus da UNB (Universidade de Brasília) em meio ao regime militar. Silva achava que ali era o lugar da revolução, do pensamento, das idéias e da vontade de mudar o mundo para melhor.

A artesã se descreve como uma pessoa perfeccionista, independente, que sabe seguir regras, mas adora a liberdade, como toda aquariana. Que ter regras não é não ter liberdade. Você pode trabalhar com muita liberdade dentro das regras. E, também, que está sempre procurando algo novo para passar para as suas alunas.

3.7. N. Mirian

Mirian tem 31 anos, é casada e tem dois filhos. Uma de 9 anos e um menino de 9 meses, Arthur. Nasceu na cidade de Juiz de Fora e é a caçula de uma família de sete filhos. Seus pais trabalhavam com circo e agora trabalham com parque de diversões. Enquanto criança, nunca ficou mais de um mês em uma cidade. Conheceu todo o estado de Minas Gerais viajando com o circo, principalmente, a zona da mata mineira. De todos os filhos, foi a única que não seguiu a carreira circense, todos os outros, de certa forma, continuaram vinculados ao circo. Aos 14 anos foi dama de honra de sua irmã mais velha e da igreja já foi direto morar com o novo casal. Ela resolveu fazer isso para poder estudar, pois isto que era difícil nesse modo vida. Conseguiu concluir o segundo grau. Veio pra Juiz de Fora, aos 20 anos engravidou, se casou e aos 21 teve a sua primeira filha, Isaura.



Figura 38- Painel

Fonte: Foto Autora

Atualmente, por causa do bebê, Mirian parou de trabalhar fora. Ela era a proprietária de uma das primeiras lojas de material para artesanato da cidade e teve que abrir mão em nome da família. Mas a artista diz que já está providenciando um novo espaço para trabalhar na sua própria casa. Hoje vive

apenas com a renda do marido. Mirian, em sua loja, lecionava aulas de *patchwork*, mosaico, pintura em madeira e pintura country.

Seu processo criativo é bem definido. Ela estipula um objeto para desenvolver, a partir daí fica, principalmente, na internet pesquisando o que há de novidade pelo mundo no que se refere ao artesanato. Ela também compra revistas importadas, gasta uma média de R\$450,00 por mês com essas revistas. Esta fase acontece na parte da manhã, pois ela diz que rende mais o seu tempo. Na parte da tarde, vai para o ateliê trabalhar e verifica o que tem de material para poder criar. Com esse material, ela vai desenvolvendo sua criação, concomitante com a sua execução. A pesquisa é feita somente como fonte de inspiração e conhecimento das novas técnicas que surgem e não para copiar.

No que se refere à família, Mirian diz que não tem apoio. O grande problema aqui mencionado foi o tempo investido. Ela diz que a família reclama da sua ausência, que quando começa a trabalhar, esquece de tudo, até dos filhos e não vê o tempo passar.

As sensações quanto ao processo de criação e trabalho, a mosaicista, à primeira vista não cita nenhuma sensação de mal-estar, mas diz que algumas dores na mão são comuns, mas não a afetam. No que se refere ao bem-estar, diz que é um momento em que se pára para pensar na vida e também ressaltou o elogio das pessoas. A artesã diz que seu trabalho é muito bem aceito, pois segue as novas tendências do artesanato mundial. A sua busca por novos lançamentos é constante. Sempre visita feiras nacionais ou regionais de artesanato principalmente em São Paulo e no Nordeste, faz pesquisas diárias na internet, além das revistas importadas que adquire.

Mirian gosta de todas as peças que faz. Caso não goste de alguma, tenta recupera-la durante a execução. Nunca descartou nenhuma peça. Vende tudo o que faz. Por outro lado, a artesã não trabalha por encomenda, pois teme decepcionar o cliente. Acha que o cliente pode gerar uma expectativa a qual ela não possa satisfazer. Ela faz apenas o que gosta e o que tem vontade. Atualmente, ela faz as suas peças e deixa em algumas lojas nas quais ela possui um contato. Diz que todas as peças são vendidas.

A valorização da sua obra é calculada a partir do trabalho que teve para executar e o preço de mercado, pois diz que o custo do material para o mosaico é

irrelevante, já que muitas vezes ela ganha o material de amigos que reformam as suas casas e guardam as sobras para ela. Todos os cacos são aproveitados.

No que se refere a inclusão ou exclusão através da sua arte, a mosaicista diz que sua arte propiciou apenas um melhor autoconhecimento. É no momento em que executa as suas obras que Mirian pensa em toda a sua vida. Desde contas a pagar até reflexões sobre a vida.



Figura 39- Local de Trabalho

Fonte: Foto Autora

A sua motivação é a vontade de fazer e o elogio que recebe das outras pessoas. Acha que essa habilidade de fazer coisas ela herdou do pai, pois foi ele quem construiu todos os brinquedos do parque de diversões no qual trabalha.

Ela se descreve como uma pessoa de personalidade forte, muito crítica, perfeccionista e detalhista. Diz que adora desafios e fazer coisas que ninguém mais faria, para depois ouvir coisas do tipo “-só mesmo a Mirian para fazer isso”.

3.8. S. Torres

Acabou de completar 50 anos em fevereiro. Tem filhos, é viúvo e casou-se pela segunda vez. Nasceu em cidade do interior e teve uma infância tranqüila de cidade pequena, de nadar em rio e subir em árvore. Torres é militar reformado do exército. Fez a Escola Superior de Guerra. Enquanto ainda estava na ativa, morou por quase toda a Minas Gerais.



Figura 40- Mesa
Fonte: Foto Autora

Hoje, sua renda familiar é de mais de cinco salários mínimos. Há dois anos trabalha com mosaico. Começou por acaso. O militar reformado foi acompanhar a sua esposa em uma loja de artigos para artesanato, chegando lá, viu um quadro em mosaico, se interessou e resolveu entrar em um curso para aprender. Aliás, aprender é uma necessidade constante de Torres. Já fez aulas de teclado, saxofone e violão. Enquanto estava no exército fez parte do grupo de pára-quedismo, montanhismo e mergulho. Uma vez, foi visitar um amigo e descobriu que esse amigo tinha asa-delta, moto-aquática e vela. Pediu ao amigo que lhe ensinasse a pilotar os aparelhos e pronto. Lá estava ele praticando tudo. Apesar de se dizer ansioso, Torres tem uma aparência muito tranqüila. Ele fala que “adora

adrenalina”, ou seja, emoções fortes e novidades, e, como presente de seu último aniversário, se deu uma viagem a Fernando de Noronha (RN) para mergulhar e fotografar.

Seu tempo hoje se divide entre a família e o cargo de síndico. O artesão considera que ainda tem muito tempo ocioso e por isso quer montar um ateliê fora de sua residência para que ele possa ter mais disciplina e fazer mais mosaicos.



Figura 41- Travessa

Fonte: Foto Autora

Pretende profissionalizar-se. Ele acha que o fato de trabalhar em casa o prejudica, pois não tem muita disciplina e, a todo o momento, é interrompido, quer seja pela família, pelos condôminos ou por ele mesmo. Enquanto está fazendo uma coisa, já está pensando ou até mesmo fazendo outra. Não é raro fazer mais de um trabalho ao mesmo tempo.

Seu processo criativo e de trabalho é aleatório. Não tem uma rotina. Faz quando tem uma idéia ou muito tempo. O primeiro passo é definir o que será feito, depois pesquisa na internet, no computador, em revistas, livros ou imagens que possam se adequar a técnica. Quando essas imagens não se adequam, mas ele gosta da imagem mesmo assim, ele as adapta. O projeto nunca sai exatamente conforme o planejado. Durante o processo de execução, sempre há modificações. Seus motivos preferidos para desenho são figuras geométricas e a natureza.



Figura 42- Relógio

Fonte: Foto Autora

As emoções de mal-estar não são pontuadas. O que ele apenas ressalta que faz parte do processo, é que às vezes, corta a mão com o azulejo ou a torquês. As sensações de bem-estar são as melhores possíveis, principalmente a sensação de ver algo realizado e elogiado. Enquanto faz, o artesão diz pensar na vida. É um momento de reflexão. Torres tem um sonho de ter um monumento em mosaico feito por ele em local público, ou um hall de um prédio, para que todos pudessem apreciar. Ele estaria disposto a pagar com o próprio dinheiro só para ter o orgulho de ter um monumento embelezando a cidade. Ele ressalta que gosta de tudo o que é bonito, que admira e valoriza a beleza. Até mesmo na hora em que foi comprar seu atual apartamento, escolheu o edifício que mais achou bonito da rua, para depois escolher o apartamento. Que se não fosse militar, seria arquiteto ou engenheiro, pois gosta de ver coisas e idéias materializadas, que mudam e embelezam a paisagem.



Figura 43- Prato Giratório

Fonte: Foto Autora

Torres tem total apoio da família. Principalmente, a esposa que participa bastante das suas obras, opinando e não deixando vender as peças que ela mais gosta. O mosaicista por sua vez, acata algumas sugestões da esposa, e dá a peça de presente para ela, mesmo que não goste do resultado final. Ele faz peças por encomenda, ou continua a fazer peças que não estejam totalmente do seu agrado. Ele tem o objetivo de diversificar o seu estilo, pois, assim, acha que atenderá um maior número de clientes. O artesão acha que se fizer só o que gosta, terá de achar clientes que têm o gosto parecido com o dele. Mas como foi dito anteriormente, ele quer agradar o maior número de pessoas possível.

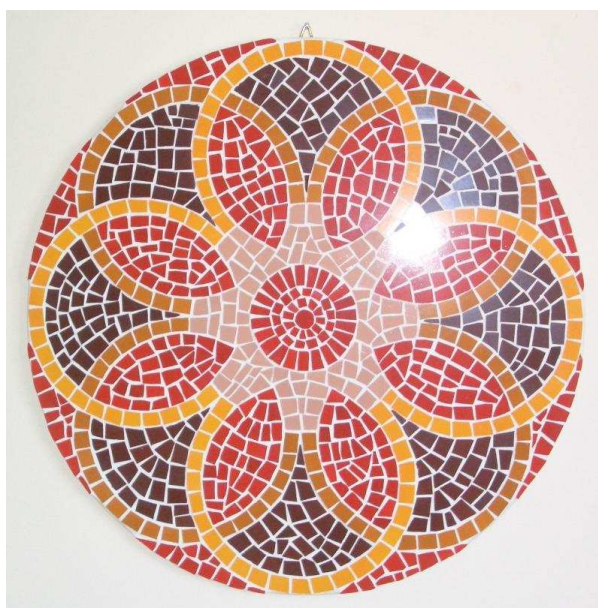


Figura 44- Peça Decorativa

Fonte: Foto Autora

Para valorizar a sua obra, o militar soma todo o material que gastou com o tempo que levou e trabalho que teve para fazer a obra. O custo do material é desprezível, pois muita coisa ele ganha de resto de obra, ou compra em pontas de estoque, ou mesmo, as lojas dão as peças que quebraram para ele.



Figura 45- Quadro

Fonte: Arquivo Torres

As obras que ele cria ficam expostas em casa, e sempre que um amigo vai visitá-lo, vê, elogia e às vezes compra. Apesar do dinheiro das vendas das peças não ser fundamental para a sua vida, pois tem o dinheiro da aposentadoria para viver, Torres não gosta de dar as suas peças, pois, assim, ele não saberá se a pessoa gostou realmente ou não do seu trabalho. Por conta desse princípio, ele também não abaixa seu preço para vender. Ele acha que quem gostou realmente, compra e se compra, paga o valor que ele acha que tem e reconhece o seu trabalho. Ele associa o dinheiro ao reconhecimento por parte do outro. Diz que ninguém vai comprar algo que não gostou. Ele acha que se as pessoas não tivessem gostando ele já teria parado de fazer e procurado um novo empreendimento.

A sua principal motivação para fazer o mosaico é a liberdade. Liberdade de fazer o que quiser. Seu único limite é a sua imaginação. Diz que apesar de ter sido militar toda a sua vida, Torres não gosta se sentir preso, por isso sempre buscou alternativa dentro do exército.

Torres se descreve como uma pessoa tranqüila, porém ansiosa. Apesar de ter uma vontade enorme de aprender, não consegue ficar parado muito tempo

ouvindo um professor. Normalmente, ele participa de poucas aulas, até pegar o caminho do que está aprendendo, depois compra livros e revistas e aprende por conta própria. Assim, foi com o mosaico e os instrumentos musicais. Ele gosta da liberdade, de tudo o que é belo e da natureza.

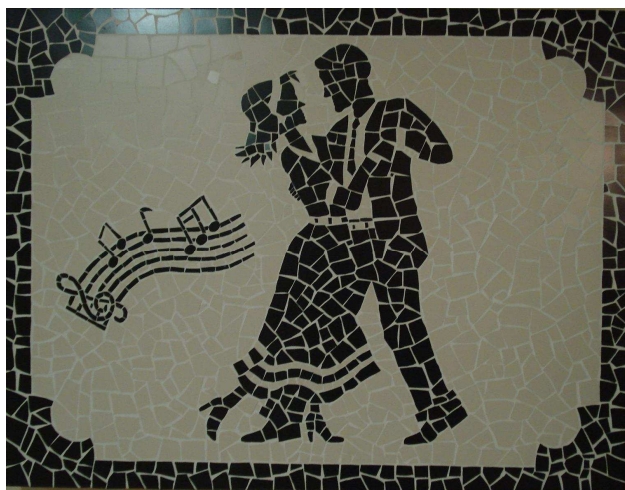


Figura 46- Quadro

Fonte: Arquivo Torres

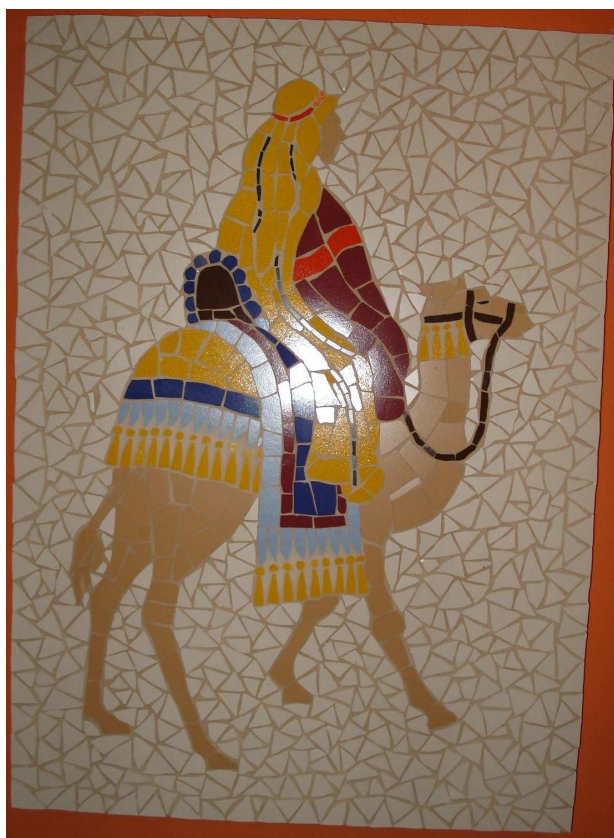


Figura 47- Quadro

Fonte: Arquivo Torres

3.9. S. Cobra

Cobra tem 45 anos é viúva, casada pela segunda vez. Tem dois filhos. Sônia é formada em Engenharia Química, porém nunca exerceu a profissão. Diz que a única semelhança é a mistura, mistura de tintas. Sua renda mais de três salários mínimos e é totalmente proveniente do artesanato e das aulas de artesanato. Ela ensina patchwork, pintura em madeira, pintura country, deculpage e mosaico em uma loja de produtos para artesanato em Juiz de Fora há aproximadamente dois anos. Para a loja, ela pinta os produtos em madeira (utilidades para o lar e organizadores tipo caixas) para que os clientes possam ver o potencial de cada produto. Essas caixas que são pintadas por ela, ficam em exposição na loja. Ela não se inspira em nenhum artista em específico. Sua inspiração vem de revistas. Ela não copia, apenas, tira uma idéia para iniciar o trabalho.

Sua rotina de trabalho é a seguinte; durante o dia, Cobra leciona artesanato e durante a noite, faz as peças que ficarão expostas na loja e as que são encomendadas por clientes. Quando inicia um trabalho, já sabe exatamente qual será o resultado final. A peça já é visualizada totalmente na sua mente. A artista observa, porém, que no mosaico, mesmo tendo a idéia aparentemente pronta, durante o processo de execução, a obra é modificada. Ela diz que quando as cores vão tomando formas com os cacos, aquelas imagens tendem a dar outras idéias.

A família da artista a apóia totalmente. Ela possui um ateliê próprio na sua casa para desenvolver o seu trabalho. Cobra, assim como outros artistas, também ouve as sugestões da família, porém não as põe em prática.

Quando algum cliente a encomenda peças que não são do seu agrado, a artista tenta convencê-lo que não terá um bom resultado, argumenta e caso não consiga persuadi-lo, encontra um meio de não executar a peça. Apesar de viver desse trabalho, Cobra se recusa a abaixar os preços das suas obras. Diz que se aquele cliente não quiser, sempre tem outro que queira. Seu preço é composto do material gasto, somado com o tempo que levou para ser feito. Ela diz que gosta de todas as suas obras, e, as que não gosta, tenta recuperá-las. Não joga nada fora. A aceitação por parte das outras pessoas também é boa, pois ela diz que não tem nenhuma peça encalhada.

Ela se sente incluída na sociedade a partir do momento em que as pessoas vão procurá-la por causa do seu trabalho. E esse número de pessoas é cada vez maior desde que ela começou há dois anos na loja em que hoje trabalha.

Ela diz que a motivação é o reconhecimento do outro. As pessoas olharem, elogiarem e comprarem seu trabalho. É o número cada vez maior de pessoas que a procura tanto para ter aulas de artesanato quanto para encomendar ou comprar peças.

Ela se descreve como uma pessoa forte, que sabe o que quer e que não desanima mesmo que outras pessoas lhe digam o contrário do seu desejo. E diz que principalmente adora o que faz e não se vê mais fazendo outra coisa.

3.10.Y. M. S. Abramo

Abramo tem 50 anos de idade e segundo grau completo. É casada e tem dois filhos. Nasceu no estado do Mato Grosso e foi para Minas Gerais com 18 anos, pois já tinha uma irmã que morava nesse estado. Essa mudança foi motivada pela mãe que ficava preocupada com o que Abramo pudesse fazer em um lugar com pouca ocupação, como era o seu estado de origem. Logo que chegou em Minas, conheceu o seu marido, namorou e casou.

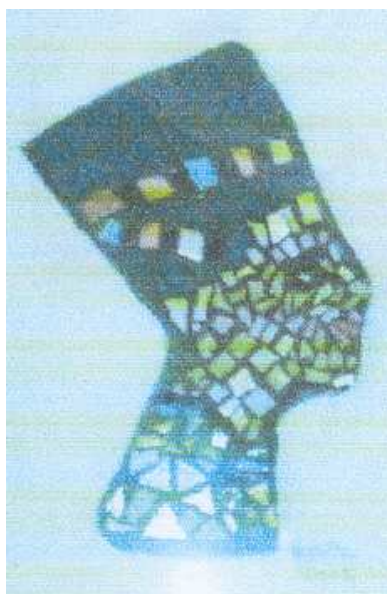


Figura 48- Quadro

Fonte: Foto Autora

A sua renda exclusivamente proveniente do mosaico gira em torno de três salários mínimos, mas quem sustenta efetivamente a família é o marido, pois a sua renda é muito oscilante. A artesã faz parte de uma cooperativa de artesão que montou uma loja. Cada artesão é responsável por um tipo de artesanato. Tem um para bordado, um para patchwork, um para pintura em madeira, outro para pintura country etc. Mesmo que algum saiba fazer outro tipo de artesanato, ali, naquele local, só é permitido expor um tipo de produto e uma determinada quantidade. Isso foi feito para que se possa ter o maior número possível de cooperados e não gerar uma competição negativa por clientes. Seu tempo é dividido entre a loja da cooperativa e o serviço de secretária na escola do marido.

Abramo já fez vários cursos de artesanato e mosaico e tem como referência principal o trabalho de Van Gogh e Leonardo Paiva, um artista da região. A artesã, também é pintora e gosta de pintar, principalmente fisionomias de pessoas.

Seu primeiro trabalho manual foi a costura. A artesã, que sempre foi muito curiosa, ficava pensando em como que aqueles pedaços de pano se transformavam em peças do vestuário lindíssimas. Ela começou costurando para a mãe, depois para ela mesma, depois para o pessoal de casa. Passada essa etapa, um dia Abramo viu num jornal local que estavam reformando a catedral de Cuiabá, onde morava. Curiosa, ela foi ver e disseram que estavam precisando de gente para ajudar na reconstrução dos mosaicos da igreja. Ela gostou e entrou para a equipe. Nessa época ela tinha por volta de treze anos de idade. O projeto da reforma durou apenas um mês por falta de verba, mas foi o suficiente para a despertar para a arte.

A artesã fez vários cursos de mosaicos. Fez no Rio de Janeiro, em Juiz de Fora e uma vez em São Paulo. Nessa última cidade, Abramo fez o curso para poder relaxar, pois ela estava na cidade por conta do filho que ia fazer uma cirurgia no coração. O trabalho manual a acalma, tanto o mosaico quanto a pintura.

A mosaicista tem total apoio da família. Todos dão palpites, que quase nunca ela acata. Às vezes, o marido até a ajuda a picar os azulejos. Eles também a apóiam, pois assim ela teve mais autonomia e desde que foi convidada a participar da cooperativa seu trabalho aumentou bastante assim como o reconhecimento e a auto-estima.

No que se refere ao seu processo criativo, ela diz que é constante. Pensa o tempo todo em algo que possa fazer. Em um de seus cursos, o professor disse para ela andar com lápis e papel na mão para anotar e não perder as idéias. E assim ela o faz. Ela vê algo interessante, anota, e tem uma idéia em cima daquilo. Não consegue copiar. Nem mesmo receita de bolo ela diz que é capaz de fazer, pois modifica tudo e, por conta disso, no final, o bolo fica horrível. Ela diz que por isso é péssima cozinheira. Pois receita de bolo é receita de bolo. Tem que ser seguida.

Todas as suas idéias, Abramo anota. Ela diz que o importante é colocar no papel, mesmo que depois perca o papel. Chega a colocar cores, mas no decorrer da execução, tudo é modificado.

Durante a execução, que acontece às tardes enquanto auxilia no curso de física do marido, Abramo vai das duas as oito ou nove horas da noite diariamente fazendo mosaico.



Figura 49- Local de Trabalho

Fonte:Foto Autora

Quando perguntada sobre as sensações durante o processo, a artesã diz que não há mal-estar. Só, às vezes, que as ferramentas doem um pouco a mão ou é cortada pelos cacos de azulejos. O rejunte utilizado também corrói em volta das unhas. Ela também citou as tintas fortes que costumam causar náuseas. Mas ponderou que são coisas que acontecem e “é normal”, que isso não é um impedimento. A sensação de mal-estar só foi enfatizada quando o resultado do trabalho não ficou do agrado, não correspondeu às expectativas da artesã. É uma sensação de frustração e perda de material, mas mesmo assim essa peça também é colocada à venda. Quando a peça dá errado, Abramo faz de novo modificando o que não ficou do seu agrado e tentando perceber onde foi que errou. Às vezes na visualização mental fica bom e quando a peça é executada não fica bom.

Nos casos em que as peças não são totalmente do agrado da artesã, Abramo diz que elas são abandonadas, prontas ou inacabadas. Depois ela diz que as peças “acham um dono”. Pessoas que visitam seu ateliê e que por acaso vêem aquela peça encostada, gostam e compram.

A sensação de bem-estar vem com a conclusão da obra. De ver algo realizado e bonito, maravilhoso, que corresponda às suas expectativas.

A valorização da obra é feita empiricamente. Ela coloca o que gastou, o trabalho que deu, e estima o preço final.

A sua motivação maior é a liberdade. Ali, naquela obra, ela não tem limite. Pode fazer o que quiser. Pode colocar ali, um pouco dela.

Abramo se descreve como uma pessoa curiosa, que adora pensar e por isso é inquieta. Às vezes, devido a isso, não consegue concluir algumas coisas na sua obra e na sua vida. É uma pessoa que não tem limite e adora a liberdade.



Figura 50- Abramo

Fonte:Foto Autora



Figura 51- Pintura

Fonte:Foto Autora

4. ANÁLISE DOS DADOS OBTIDOS:

A partir das entrevistas aplicadas faremos algumas análises das falas dos participantes com o foco voltado para os objetivos específicos do estudo.

Nas entrevistas foram feitas perguntas sobre a personalidade. Foi pedido que os mosaicistas se autodescrevessem. Dentre as suas características foram encontrados traços de personalidade citadas por Amabile (1983).

Amabile define dentre os traços de personalidade que favorecem a produção criativa, a autodisciplina, a persistência, a independência, a tolerância por ambigüidades, o não conformismo, a automotivação e o desejo de correr riscos.

Encontramos vários desses traços nos nossos artistas. Borges, assim como, Mirian e Rossini se descrevem com uma personalidade forte, marcante e independente. São muito caprichosas e exigentes consigo mesmas. Melhoram uma obra até a exaustão física. Para I. da Silva não há problema se em dia ela gostar de uma peça e no dia seguinte rever seus conceitos. Os artistas são livres nos seus pensamentos. Adoram a liberdade e a autonomia.

O retrabalho ou aprimoramento, até mesmo exaustivo, é um fato que marca o não conformismo desses artistas. Várias são às vezes em que se esgotam as possibilidades do desenho e da execução em busca de um melhor resultado. Todos eles já desmancharam toda ou em parte alguma peça devido ao seu descontentamento.

A automotivação é caracterizada por fases de contemplação da obra, a liberdade em criar e, principalmente, pela necessidade de materializar as suas idéias. Isso foi verificado em todos eles.

O desejo de correr riscos também é uma constante juntamente com a necessidade de aprender, a curiosidade e a busca pelo novo. Seja por uma nova mistura de cores, uma nova técnica ou um novo material. Não há receio em experimentar.

4.1. Geração de renda

A geração de renda, para esses artistas, não é o objetivo principal, é uma consequência do trabalho. O trabalho com o mosaico foi uma alternativa de ocupação de um tempo ocioso como para Borges, Rossini e Torres e uma forma de realização profissional, que poderia ser conciliada a vida doméstica como no caso de M da Silva, Mirian e Vaccarini.

A princípio, essas pessoas buscavam apenas uma autonomia, com o passar do tempo e o reconhecimento por parte de outras pessoas e subseqüentes encomendas, fizeram do artesanato uma profissão, onde sua renda é totalmente proveniente do artesanato. Seja como feirante, como no caso de Rossini, ou seja, como professoras e artesãs, que são os casos de M. da Silva, Cobra e Vaccarini.

O dinheiro é necessário porém não é o foco desses artistas. A partir do momento que eles estipulam um preço para uma determinada peça, esse valor não recebe nenhum tipo de desconto e preferem não vender, a ter que depreciá-las. Os artesãos associam diretamente o valor cobrado de uma obra sua ao reconhecimento do seu trabalho. Torres chega a dizer que não gosta de dar uma peça sua de presente para uma pessoa, pois assim ele não terá como saber realmente se a pessoa gostou ou não. Ele só se sente valorizado quando a pessoa paga por uma peça sua. Isso para ele é sinal de que o seu trabalho foi reconhecido e agradou ao seu cliente. Também os outros mosaicistas como, M. da Silva, Cobra e Borges preferem não vender a ter que reduzir o preço. Dizem elas que sempre aparece alguém que reconhece o seu trabalho. “-Se um não paga, outro paga.”

De modo geral, os artesãos concordam nos quesitos que compõe o preço da sua obra. A relação é sempre de quanto trabalhosa foi a execução da peça e o tempo que levou para ser feita. O material gasto nem sempre é computado, pois alguns acham que é irrisório, já que ganham de restos de obras de conhecidos ou restos de lojas de material de construção; e, outros por facilidade de manusear, preferem comprar azulejos que sejam próprios para o mosaico, o que não é barato, então, computa-se o preço do material.

Apenas para Paiva a formulação de preço é diferenciada. Ele baseia-se em valores subjetivos e de formação acadêmica. Não computa tempo ou material.

Computa a sua formação acadêmica, a sua pesquisa científica para executar uma obra e a originalidade.

O trabalho, para os artesãos, está diretamente ligado a um trabalho manual, enquanto que para o artista plástico, a um trabalho intelectual. E por consequência, há uma desvalorização desse artesanato. Paiva tem consciência de sua arte, enquanto que os outros pensam conforme a época de Leonardo da Vinci e Rafael, em que trabalhos executados com as mãos eram desvalorizados (Gardner, 1996). Rossini chega ao ponto de relacionar o tempo gasto na execução de uma peça com o custo do dia de um pedreiro.

Por um lado, eles se valorizam em não se submeterem à negociação de preços e por outro se desvalorizam relacionando seu trabalho apenas como um trabalho manual e não intelectual. Amam o que fazem e dizem que a paixão pelo que fazem é o seu diferencial de mercado.

Outro ponto que merece ser destacado por aqueles que não compram o azulejo próprio para o mosaico é a questão ambiental. Há uma preocupação em reaproveitar o material para reduzir o entulho jogado na natureza. Mesmo que de uma forma sutil, pois o entulho urbano jogado na natureza é muito grande, esses artistas preferem reaproveitar restos da construção civil a ter que comprar, como é o caso de Mirian e Torres. Vários amigos, já sabendo do seu trabalho e da sua preocupação, guardam o material ao final de suas reformas e levam para os ateliês dos mosaicistas.

4.2. As sensações do trabalho como mosaicista

As sensações são descritas como, principalmente, de bem-estar. É uma sensação boa provocada pela capacidade de realização de algo importante e belo. A busca pela beleza é fundamental. É um trabalho de começo meio e fim. Esse sentimento de materialização e realização é fundamental.

Outra questão positiva é a comparação entre o antes e o depois, principalmente no que tange a reformas, como citou Borges. A artesã chega a fotografar cada passo da transformação para arquivar ou mostrar para outras pessoas e poder falar: “*eu quem fiz*”.

Os pensamentos durante o processo de execução foram colocados de forma enfática.

“É um momento em que eu não penso em nada, fico em estado de latência” como diz Vaccarini, ou *“É um momento de autoconhecimento, onde eu converso comigo mesma e penso na vida”* como diz Mirian.

Outro ponto positivo muito importante levantado foi o elogio por parte dos espectadores. Eles dizem se sentir muito felizes e motivados quando a obra é concluída e alguém elogia, dizendo ter ficado ótima. Essa é uma questão fundamental na continuidade do trabalho deles. Isso abrange tanto os artesãos, quanto o artista plástico. Sem o reconhecimento por parte dos outros, não continuariam a fazer mosaicos.

Os pontos negativos do desenvolvimento das peças de mosaico foram colocados como detalhes, de forma irrelevante, que não são barreiras para continuar, dizem que fazem parte do processo. Como por exemplo, pequenos cortes com os azulejos, beliscadas dos alicates, calos nas mãos, unhas corroídas pelo rejunte e dores musculares por longo tempo em atividade, chegando até a ter que tomar algum tipo de analgésico, como no caso da Vaccarini.

O que realmente é uma sensação de mal-estar para todos é quando o resultado final da obra não correspondeu às expectativas dos mosaicistas. É um sentimento de frustração.

Uma coisa é consenso, a questão do tempo. Os mosaicistas quando pegam para fazer ficam *“-no mínimo três horas consecutivas, se não nem começo”*, diz Paiva. O tempo é o principal vilão do mosaico, mesmo que os próprios artesãos não reconheçam.

Todos eles perdem a noção do tempo e tem que se policiar para parar. Vaccarini costuma pegar para fazer o mosaico às oito horas da noite e costuma ir até às 3 horas da madrugada. *“-São sete horas sentada, colando e cortando cacos sem interrupções”*. Chega ao ponto da família pedir para que ela pare. Ela diz que é viciada, não consegue parar, sempre quer *“ver só mais um pedacinho pronto”*. Isto também acontece com Mirian. O longo tempo que passa fazendo artesanato é o motivo pelo qual a família não a apóia.

4.3. Motivações

A curiosidade é um dos mais importantes combustíveis para a criatividade. É através de seu desenvolvimento que conseguimos vencer desafios aparentemente “impossíveis”.

Certa vez, Einstein disse: *“não sou mais inteligente do que ninguém, sou apenas a pessoa mais curiosa que conheço”*.

A vontade de sempre aprender coisas novas foi outro ponto levantado. Isso se confirma, pois nenhum dos entrevistado exerce apenas uma atividade criativa, ou sempre fizeram apenas o mosaico. Todos vêm de um processo de transformações e migrações de atividades. Sempre trocam quando acham que a outra atividade já está saturada.

Borges e M. da Silva pintavam, bordavam, cozinhavam, e faziam outros tipos de artesanato; I. da Silva fazia bijuterias; Rossini é protética e começou cozinhando; Paiva desenhava; Vaccarini começou com pintura bali e pátina; Mirian e Cobra, já tinham feito todos os tipos de artesanato; Torres é músico e Abramo pinta. Todos têm uma sensibilidade aflorada.

Porém, a maior de todas as motivações, é sem dúvida, o reconhecimento. Este mexe com a auto-estima e o valoriza enquanto cidadão. Todos dizem que se não fossem o retorno positivo das outras pessoas, seja comprando, procurando aulas ou, simplesmente, elogiando, já teriam parado e buscado uma outra forma de se expressar.

4.4. O processo criativo

Foram detectadas seis fases no processo criativo, uma a mais do que foi proposto no modelo de Amabile. Essa fase extra incluída no estudo seria a última etapa: a) objetivo ou tarefa; b) pesquisa ou preparação; c) incubação; d) insight; e) execução e f) retorno ou expectativa de reconhecimento.

4.4.1. *Objetivo ou tarefa:*

O primeiro estágio é denominado identificação do problema ou da tarefa. Nesse estágio, o indivíduo identifica um problema específico como tendo valor para ser solucionado. No caso dos artesãos, definem a obra que será executada.

4.4.2. *Pesquisa ou preparação:*

O segundo estágio envolve a preparação, momento em que o indivíduo constrói ou reativa um estoque de informações relevantes para a solução do problema. Faz uma pesquisa acerca do tema que será desenvolvido. Fazem buscas em livros, revistas, imagens espalhadas ao seu entorno e internet. Enchem-se o máximo possível de informações para que o objetivo seja alcançado. Uma coisa é importante e foi destacada por todos os entrevistados. Eles fazem essas buscas como fonte de inspiração, para terem dados para poder criar e, nunca, com o intuito de copiar.

4.4.3. *Incubação:*

Uma das etapas do processo de criatividade baseia-se no fato de que nossa mente trabalha idéias mesmo que não estejamos conscientes delas e que não estejamos buscando algo relacionado, em um dado momento. Uma evidência disso são aquelas idéias que surgem de repente, por vezes em situações em que preferiríamos que não aparecessem. Essa etapa é chamada muito propriamente de incubação. Vaccarini usava a incubação como método de trabalho, alimentando a mente com informações, permitindo sua "digestão" durante a noite ao dormir e apenas aguardando os pensamentos que viriam na manhã seguinte. Algumas idéias precisam ficar descansando, para então, amadurecerem e ganharem vida. Idéias são como sonhos, se não forem devidamente armazenadas, serão esquecidas e perdidas em poucos minutos. Tudo que Einstein descobriu foi resultado de muita dedicação e trabalho.

Há pessoas, como Abramo, que andam com uma caderneta para poder registrar as idéias inesperadas.

“-Eu anoto tudo no papel, mesmo que eu perca o papel”.

Ou como Rossini, que costuma ter as idéias momentos antes de adormecer, quando relaxa. Ela também anota as idéias para que não as perca na manhã seguinte.

“Quando perguntaram a Einstein onde era seu laboratório, ele tirou uma caneta e respondeu ‘Aqui!’ ” (R. Huberto).

Nos outros artesãos essa fase vem minutos antes de se começar a execução. Há momentos de reflexão, em que eles ficam apenas olhando para a peça que será trabalhada. Ensaiam os movimentos dos cacos, até surgir uma composição.

Um dos princípios da incubação é que, durante seu período, não se busca conscientemente respostas ou idéias. Ela também sinaliza uma opção para aquelas situações em que não se está avançando; uma boa opção pode ser não persistir, mas sim deixar o que estamos fazendo de lado. No entanto, a incubação não é mágica, embora eu não exclua a possibilidade de ela o ser às vezes. Incubar em geral requer uma massa crítica mínima de conhecimentos, experiências e dedicação para ser fértil. É como plantar: tem que conhecer e preparar a terra, adubar, semear, regar e depois esperar os frutos, cuidando de vez em quando.

4.4.4. *Insight*

O insight é o momento do “estalo”. O momento em que as peças de encaixam e a resposta é encontrada.

Este momento é o principio do desenvolvimento de uma idéia ou resultado. Será o momento da verificação. Vem logo após o momento de incubação. Não existe local ou horário certos para que ele ocorra. Pode acontecer ao acordar, como é o caso da Vaccarini, ou antes de dormir, quando se relaxa, como acontece com Rossini ou, simplesmente não ter constância e acontecer a qualquer momento, assim como com a Abramo. Por isso recomenda-se fazer como a

própria Abramo, andar sempre com um papel e um lápis na mão para anotar as idéias. As idéias são como os sonhos se não são anotadas elas se perdem.

“Eu penso 99 vezes, e nada descubro; deixo de pensar e mergulho no silêncio – e eis que a verdade me é revelada”. Albert Einstein

4.4.5. *Execução ou resultado*

O quinto e último estágio, denominado resultado, representa a tomada de decisão com relação à resposta, com base na avaliação do estágio anterior.

Para os mosaicistas, a execução ainda é um pouco do processo anterior. Toda a peça que será executada, nunca sai completamente igual ao que foi planejado. O processo de colagem dos cacos é interativo e, a todo o momento, os novos cacos formam novas formas e estimulam os artesãos e o artista plástico a tentar algo novo. A maioria dos entrevistados disse que chegam a projetar, até mesmo com cores, e na hora da execução trocam várias coisas, até mesmo a forma ou a cor. Às vezes, são incentivados até pela dificuldade de execução, pois não conseguem cortar uma peça e têm que buscar uma nova solução para resolver o problema.

4.4.6. *Retorno ou expectativa de reconhecimento*

Aqui adotamos uma definição diferente e subjetiva de criatividade: uma pessoa cria quando concebe em sua mente algo que nunca viu, ouviu ou sentiu antes. Essa definição ignora o fato de a criação ser útil ou não para algum propósito ou para resolver algum problema. Mas é importante distinguir esses dois tipos de criatividade; ao primeiro chamamos criatividade pura, e ao segundo, criatividade aplicada. A criatividade pura é um ato mental, que consiste em última análise da capacidade de combinar sons e imagens de forma subjetivamente nova, independentemente de qualquer conexão lógica com o mundo exterior. Essa definição de criatividade desloca os aspectos novidade e originalidade, beleza, utilidade, veracidade, viabilidade e implementação para um segundo momento;

criar é um ato pessoal e subjetivo, a criatividade pura vem antes da aplicada. Criações não têm necessariamente que servir para alguma coisa, como solucionar um problema, dar retorno financeiro, serem maravilhosas e belas, nada disso.

Por outro lado a criatividade só faz sentido se reconhecida pelo grupo. Caso isso não aconteça, a originalidade se esvai juntamente com a motivação. Todos os entrevistados disseram que se não tivessem o reconhecimento por parte das outras pessoas, deixariam de fazer o mosaico na escala em que fazem. Logo, o reconhecimento é um estímulo à criatividade. Fecha o ciclo produtivo.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS:

Segundo Domenico de Masi (1999), a partir da Segunda Guerra Mundial, tornou-se cada vez mais evidente a transformação radical da sociedade industrial e o advento de uma nova civilização: uma alternância de épocas que se verifica naquelas raras ocasiões históricas, nas quais não é apenas uma única ciência ou uma única arte que progride, havendo uma interligação entre mais domínios do saber, o que faz com que a experiência humana dê um salto de qualidade. Saltos como estes, no curso da história, aconteceram há cinco mil anos com a civilização mesopotâmica nos séculos XII e XIII, com as grandes descobertas teórico-práticas; na segunda metade do século XVIII com o Iluminismo, a Revolução Francesa e o nascimento da indústria; no decorrer do século XX com a desarticulação das velhas disciplinas e o seu restabelecimento.

Como se vê, aquelas que Braudel, citado por De Masi (1999), chamava de "ondas longas" da história tornam-se cada vez mais curtas: foram necessários muitos milênios de vida arcaica para produzir o estado moderno; foram necessários 500 anos de organização moderna para produzir a sociedade industrial; apenas dois séculos de indústria bastaram para provocar o advento pós-industrial.

O conhecimento desta última revolução ainda não está difundido e radicado, mas os novos tempos estão aí sob os olhos de todos: no mercado de trabalho, os ligados ao setor terciário já superam os que se dedicam à agricultura e à indústria reunidas; na formação do produto interno prevalecem os serviços sobre os bens materiais; no sistema social, o conhecimento teórico, a ciência e a informação agora ocupam o papel central que já pertenceu à produção manufatureira; no sistema cultural, o individualismo e o narcisismo adquirem vigor crescente, enquanto os gostos se desmassificam e as modas pegam cada vez menos; no sistema ideal, volta a emergir o senso estético como parâmetro para o valor das coisas.

Primeiramente, estas formas flexíveis e frágeis por sua própria natureza pareceram perdedoras em relação ao prepotente avanço dos modelos industriais. Mas hoje, que a organização da fábrica tradicional exauriu seu ciclo histórico, que a linha de montagem começa a ser uma peça arqueológica, que é preciso organizar o tempo livre, a atividade artística e científica, os esforços e os exemplos

da velha Europa voltam a emergir como patrimônio precioso para inspirar as estruturas e as funções dos grupos empenhados no trabalho idealizador.

Neste contexto, o estudo buscou pessoas que trabalhassem com a arte do mosaico. Foram aplicadas entrevistas semi-estruturadas e análise dos relatos das histórias de vida.

Não foi encontrado um perfil próprio para se trabalhar com o mosaico, mas descobrimos que existem algumas características em comum. Todos os artesãos trabalham com o mosaico a menos de 5 anos, a exceção é o artista plástico Paiva. Ele fez a faculdade de Artes Plásticas motivado pelo trabalho como mosaicista que se iniciou há 10 anos.

O que aconteceu com todos os outros artesãos foi que o mosaico fez parte de um processo de aperfeiçoamento de uma habilidade manual ou de uma sensibilidade artística que eles já desenvolviam de alguma outra maneira. As mulheres em sua maioria, já desenvolviam outro tipo de artesanato como *patchwork*, pintura, *deculpage*, bordado, pátina, culinária e costura. Apenas Torres diz que sempre gostou do que é belo (isso foi o diferencial das grandes civilizações antigas) e tem muita habilidade musical. Aprendeu a tocar teclado, violão e saxofone. O que foi notado é que todos eles independentes da seqüência de desenvolvimento possuem uma curiosidade aguçada e uma necessidade de aprender coisas novas muito marcante. São praticamente autodidatas. Estão sempre em busca do algo novo. Seja uma nova técnica, um novo desenho ou uma nova forma de se expressar.

O trabalho que começou aguçado pela curiosidade, de como fazer, de descobrir sozinho, motivados pela beleza, ou de como ocupar o tempo ocioso, acabou por se tornar uma fonte alternativa de renda, e uma inclusão na sociedade para muitos dos entrevistados. Para outros, a principal fonte de renda e para Paiva o suficiente para adquirir casa, carro e outros sonhos com a profissão que gosta. *“-Se pudesse viveria só do mosaico, mas é inconstante. Tem época que vende muito e época que vende pouco”*.

Para eles gostar do que faz não é o suficiente. Eles são apaixonados pelo que fazem e esse é o seu diferencial de mercado. Por isso, o dinheiro, apesar de ser necessário, não é a causa do seu trabalho, mas a consequência. Hoje, esses artistas são responsáveis por um grande mercado que movimenta a cadeia industrial de artigos para artesanato.

É cada vez maior o número de pessoas que buscam o artesanato como forma de terapia, de desaceleração do mundo moderno e de como obter um tempo pra si em que é permitido parar para pensar nas coisas da vida e da existência. Uma pessoa que se conhece vive muito melhor, pois está atenta a ouvir seu corpo e sua mente. Esse fator de auto-conhecer e desacelerar a mente vai ao encontro das leis da promoção da saúde citada por Buss. Previne doenças físicas e emocionais, já que exercitamos e damos tempo ao cérebro e ao corpo para se conhecerem. Ficamos mais atentos aos sinais enviados por eles. “Desligamos” o consciente e deixamos o inconsciente trabalhar.

A criatividade faz parte da natureza humana e com o estímulo certo, nós podemos desenvolvê-la. Segundo Winnicott desde o nascimento e o primeiro contato com a mãe o bebê já está criando. Uma vez a mente tendo sido expandida ela nunca mais retornará a forma anterior.

Para esses artesãos, o desenvolvimento da criatividade se tornou um fator de inclusão social. De mulheres, sem formação técnica ou acadêmica terem um papel ativo na sociedade. Quer seja pelo total sustento da família, pela independência financeira que adquiriram dos maridos, pelo autoconhecimento que conseguiram ao passar horas consigo mesmas ou pelo reconhecimento e indicação de admiradores de suas obras.

E, para finalizar, uma frase de Machado de Assis:

“Quem troca pães, fica com um único pão. Quem troca idéias fica com as duas. O melhor negócio é sempre trocar idéias”.

6. REFERÊNCIAS:

- ALENCAR, E.M.L.S. Criatividade. Brasília: Editora da Universidade de Brasília, 1995.
- ALENCAR, E. M. L. S. De. Fleith, D. de S. Contribuições Teóricas Recentes ao Estudo da Criatividade Psicologia: Teoria e Pesquisa Jan-Abr 2003, Vol. 19 n. 1, pp. 001-008, 2003.
- AMABILE, T.M. The social psychology of creativity. New York: Springer, 1983.
- Promoção da Saúde. BRASIL, 2002 – Ministério da Saúde.
- BIERNACKI, P.; WALDORF, D. - Snowball sampling-problems and techniques of chain referral sampling. Sociol Meth Res 10:141-63, 1981.
- BUSS, P. M. In: CZERESNIA, D., FREITAS, C.M., organizadores. Promoção da Saúde. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz; 2003.
- BUSS P. M. Promoção da Saúde e qualidade de vida. Ciência e Saúde Coletiva 5(1): 163-177, 2000.
- CSIKSZENTMIHALYI, M. Society, culture, and person: a systems view of creativity. Em R. J. Sternberg (Org.), The nature of creativity (pp. 325-339). New York: Cambridge University Press, 1988.
- D.W. WINNICOTT. O Brincar e a Realidade. Rio de Janeiro. Imago Editora LTDA, 1975.
- DE MASI, D. (organização) A Emoção e a Regra – Os Grupos Criativos na Europa de 1850 a 1950. Rio de Janeiro. Ed. Livraria José Olímpio, 1999.
- EUNICE, M.L., ALENCAR, S., FLEITH, D.S. Psic.: Teor. e Pesq. v.19 n.1. Contribuições teóricas recentes ao estudo da criatividade. Universidade Católica de Brasília; Universidade de Brasília, 2003.
- GARDNER, J. Cultura ou Lixo. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 1996.
- GONZALÉZ, H. M., LÓPEZ, L. S., PÉREZ, M. J. S. Arte, Salud y Comunidad. Hospital Psiquiátrico de La Habana - Rev. Hosp. Psiquiátrico de la Habana, 2004.
- KAGUSSU, I. Sobre a alteridade do artista em relação ao mundo que o cerca, segundo Hebert Marcuse. Kriterion, Belo Horizonte, nº 112, Dez/2005, p. 345-356, 2005.
- MALINOWSKI, B.K. Argonautas do Pacífico Ocidental – Um relato do empreendimento e da aventura dos nativos nos arquipélagos da Nova Guiné Melanésia. São Paulo; Câmara Brasileira do Livro, 1942
- MARTINS, H.H.T.S. Pesquisa sociológica e metodologia qualitativa. Metodologia qualitativa de pesquisa. Universidade de São Paulo, 2004.
- MARTINS, H.H.T.S. Qualitative research methodology. Educ. Pesqui. [online]. May/Aug. 2004, vol.30, no.2 [cited 26 October 2005], p.289-300. Available from World Wide Web:

- <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1517-97022004000200007&lng=en&nrm=iso>. ISSN 1517-9702.
- MINAYO, M.C.S. O desafio do conhecimento: Pesquisa qualitativa em saúde. São Paulo – Rio de Janeiro. HUCITEC-ABRASCO, 1993.
- ROHDEN, H. Einstein – O Enigma do Universo de
- SAKAMOTO, C.K. Criatividade: uma visão integradora. Psicologia: Teoria e Prática. Universidade Presbiteriana de Mackenzie, 2000.
- SIGERIST, H. The social sciences in the medical school – in: Sigerist, H. Nova York: ed. The University at the crossroad Nova York: Henry Schumann Publisher, 1946
- SOUSA, I. C. F. de. Conceitos de educação e escolaridade entre mulheres clientes de um centro de saúde do Rio de Janeiro, 2006
- ZANELLA, A.V. Psicol. Soc. v.16 n.1. Atividade criadora, produção de conhecimentos e formação de pesquisadores: algumas reflexões. Porto Alegre; Universidade de Santa Catarina, 2004.
- http://www.luxstudium.com.br/artigos/headline.php?n_id=99&u=1%22, em 23/10/06
- <http://memoriavirtual.net/2007/04/pessoal/parque-guell-i/> em 23/10/2006
- <http://www.spain.info/TourSpain/Arte%20y%20Cultura/Conjuntos%20monumentales/I/CP/0/Parque%20Guell%20%20Palacio%20Guell%20y%20Casa%20Mila.htm?Language=es>, em 23/10/2006
- <http://www.barcelona-tourist-guide.com/albums-sp/gaudi-park-guell/index.html>, em 25/10/2006
- www.casadaflor.org.br, em 27/10/2006
- <http://www.janesaddictions.com/vasseur01.htm>, em 30/10/2006

7. ANEXO I

7.1.1. Questionário de Pesquisa do Mosaico

Identificação:

Nome (Opcional)

Qual a sua idade?

18 a 30 anos 30 a 60 anos mais de 60 anos

Sexo:

Feminino Masculino

Escolaridade:

1º grau completo 2º grau completo superior

1º grau incompleto 2ª grau incompleto outro _____

Qual a sua fonte de renda?

assalariado Autônomo desempregado

Qual a sua renda familiar?

menos de 1 salário mínimo de 1 a 3 salários mais de 3 salários

Já trabalhou com arte/ artesanato?

sim não

Já ouviu falar/ conhece algum artista das artes visuais?

sim não

Quem? _____

Gosta do trabalho dele?

sim não

Qual sua atividade principal?

7.1.2. *Relato de história de vida*

7.1.3. *Roteiro para análise entrevista semi-estruturada (aberta)*

- como se dá o processo criativo

insights
horários
tempo investido (diário/semanal/mensal)
percepções
critérios seqüências

como é o processo de trabalho

rotinas
horários

emoções causadas pelo processo de trabalho

bem-estar – em que fase
mal-estar – em que fase
produtos que possam incomodá-lo

como é o a Sujeito da pesquisa

ambiente

familiar
profissional

aceitação da obra

por ele
pelos outros

valorização da obra

como é feita
tem saída (comercialmente)
vive somente desta renda

sentimentos com a sociedade

inclusão
exclusão

formação

formal
informal

motivação
personalidade (auto descrição)

8. ANEXO II

FUNDAÇÃO OSWALDO CRUZ – FIOCRUZ
Escola Nacional de Saúde Pública
Comitê de Ética em Pesquisa da ENSP

Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

Você está sendo convidado para participar da pesquisa “O Processo de Trabalho Criativo em Mosaicistas”.

Você foi selecionado pelo seu talento, aptidão, disponibilidade, criatividade, idade e interesse em participar da pesquisa e sua participação não é obrigatória.

A qualquer momento você pode desistir de participar e retirar seu consentimento. Sua recusa não trará nenhum prejuízo em sua relação com o pesquisador ou com a instituição.

Os objetivos deste estudo são relacionar a relação do processo de desenvolvimento de habilidades pessoais e o potencial criativo, com o bem-estar de qualidade de vida de artistas sem formação acadêmica na área de artes.

Sua participação nesta pesquisa consistirá em conceder uma entrevista, que será gravada e permitir o registro fotográfico da sua imagem, das suas obras e do seu local de trabalho. Esses registros ficarão sob responsabilidade do pesquisador arquivado em computador pessoal protegido por senha. As entrevistas, depois de transcritas, serão apagadas do gravador.

Podemos assegurar que não há riscos para nenhum participante.

Os benefícios relacionados com a sua participação são de contribuição para as universidades e escolas, colaborando para uma dissertação de mestrado e melhor compreensão de como funcionada a criatividade humana.

As informações obtidas através das entrevistas serão analisadas e os dados colocados na dissertação. As transcrições também serão anexadas ao final da dissertação. Esta dissertação terá publicação nos meios acadêmicos e servirá como fonte de consulta para futuras pesquisas na área. Caso seja de seu interesse, ao final do trabalho, você poderá receber uma cópia da dissertação.

Você será identificado pelas suas letras iniciais e pelo seu sobrenome.

Você permite o uso da sua imagem e das suas obras?

Í Sim

Î Não

Você receberá uma cópia deste termo onde consta o telefone e o endereço do pesquisador principal, podendo tirar suas dúvidas sobre o projeto e sua participação, agora ou a qualquer momento.

Annelise Gamonal Nogueira

Endereço e telefone do Pesquisador Principal:

Annelise Gamonal Nogueira - Fundação Oswaldo Cruz, Saúde Pública,
Prédio da Expansão.

Av. Brasil, 4036/ Sala 905 – Manguinhos

CEP 21040-361

Rio de Janeiro/ RJ – Brasil - Telefone: (21) 3882-9222/ 3882-9223.

Endereço e telefone do CEP

Rua Leopoldo Bulhões, 1480/ Sala 314 – Manguinhos – Rio de Janeiro/ RJ –
21041-210.

Tel.: (21) 2598-2863

Declaro que entendi os objetivos, riscos e benefícios de minha participação na pesquisa e concordo em participar.